



**MARIA ANTÓNIA  
DOS SANTOS  
SILVA NASCIMENTO**

**O PROCESSO ARTÍSTICO E BIOGRÁFICO NA OBRA  
DO ESCULTOR PAULO NEVES**



**MARIA ANTÓNIA  
DOS SANTOS  
SILVA NASCIMENTO**

**O PROCESSO ARTÍSTICO E BIOGRÁFICO NA OBRA  
DO ESCULTOR PAULO NEVES**

Dissertação apresentada à Universidade de Aveiro para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Criação Artística Contemporânea realizada sob a orientação científica do Doutor Graça Maria Alves dos Santos Magalhães, Professor Auxiliar do Departamento de Comunicação e Arte da Universidade de Aveiro.

Dedico este trabalho à minha família, pela compreensão e a força que me deram  
em prosseguir com a dissertação.

## **O júri**

Presidente

Professor Doutor José Pedro Barbosa Gonçalves de Bessa  
Professor Auxiliar, Universidade de Aveiro

Arguente

Doutora Maria Manuela Carvalho de Sousa Lopes  
Diretora adjunta, Ectopia – Laboratório de Arte Experimental

Orientador

Professora Doutora Graça Maria Alves dos Santos Magalhães,  
Professora Auxiliar, Universidade de Aveiro.

## Palavras-chave

Paulo Neves; escultura; arte contemporânea portuguesa; quotidiano; matéria.

## Resumo

A presente dissertação analisa a vida e obra do artista português Paulo Neves. Consideração da obra do artista, de que forma o seu trabalho é influenciado pelo espaço onde nasceu, reside e trabalha e onde construiu a Galeria *O Mato*.

O artista é autor de uma obra vasta que poderá ser abordada por diferentes pontos de vista, a nossa investigação considera o caso de estudo do artista através da análise das suas principais obras de forma a perceber a génese do seu trabalho e do seu processo artístico.

O estudo foi abordado em dois momentos espelhados no corpo da dissertação que é dividido em duas partes: O primeiro capítulo apresenta a biografia do artista e um enquadramento histórico, cultural e artístico da época em que o seu trabalho começou a ser produzido. Essa análise incidirá sobre as décadas de 80 e 90, uma vez que correspondem ao período no qual o artista iniciou a sua obra. Correspondentemente atendemos às exposições que realizou nesse período e ainda às recentes produções, analisando o que foi escrito pela crítica.

A segunda parte procura verificar a influência da experiência do autor nas suas obras e perceber o seu processo artístico na sua relação com os materiais e o lugar na construção da obra.

Finalmente, procuraremos concluir o estudo tentando perceber a construção atendendo à forte relação com a matéria e tentando verificar a influência do lugar onde reside.

**keywords**

Paulo Neves; sculpture; portuguese contemporary art; quotidian; matter

**Abstract**

This dissertation analyzes the life and work of Portuguese artist Paulo Neves. It discusses the artist's work and how his work was influenced by the place where he was born, where he lives and works and where he built the gallery *O Mato*.

The artist has authored a vast work, which can be approached from different points of view, our research is a case study of the artist through the analysis of his major work in order to understand the genesis of his work and his artistic process.

The body of the dissertation is divided into two mirrored parts: The first part is a biographical study of the artist and a historical, cultural and artistic framework of the period when his work was starting to be produced. This analysis will focus on the 80's and 90's, since they correspond to the period in which the artist began his work. Correspondingly we discuss the exhibitions that took place during this period and also the recent productions, analyzing what has been written by critics.

The second part tries to determine the influence of the experience of the author in his work and to understand the artistic process in its relation with the material and space in the construction of his work.

Finally, we conclude the study trying to understand the construction given his strong relationship with the material and trying to understand the influence of the place where he lives.

## Índice

<b>Introdução .....</b>	<b>8</b>
<b>Metodologias .....</b>	<b>10</b>
<b>Capítulo I.....</b>	<b>11</b>
Dados Biográficos.....	12
Difusão da Obra.....	17
Galeria <i>O Mato</i> .....	19
Panorama artístico dos anos 80 e 90 em Portugal .....	22
Anos 80.....	23
Anos 90.....	26
<b>Capítulo II.....</b>	<b>30</b>
Análise da Obra .....	31
Questão Formal: Relação do Artista com a Matéria .....	33
Processo: Ideia, Técnicas e Lugar .....	36
<b>Capítulo III.....</b>	<b>43</b>
Considerações Finais .....	44
<b>Bibliografia.....</b>	<b>47</b>
<b>Anexos .....</b>	<b>52</b>

## Introdução

A dissertação que nos propomos desenvolver no âmbito do Mestrado Criação Artística Contemporânea, pretende estudar a obra à biografia do escultor português Paulo Neves, natural de Cucujães, Oliveira de Azeméis. Os 35 anos percorridos pela sua obra abrindo novos caminhos para a prática artística em Portugal. A obra deste artista tem vindo a desenvolver uma singular relação entre a arte e a natureza. Toda a produção artística de Paulo Neves se confunde com a sua própria vida, com as reminiscências do meio onde nasceu e cresceu e se descobriu como artista e criador.

Pretendemos com este trabalho perceber o percurso do artista a partir das suas influências artísticas, da sua história de vida e da relação com o espaço geográfico em que reside e trabalha. O quotidiano, a estrutura e diversidade de valores, conceitos e atividades dentro do espaço que habita modelam seu esforço de compreensão, adaptando o seu espaço como objeto de trabalho e de significados nas suas produções artísticas.

Ao longo de um percurso iremos perceber a sua produção, em que medida o artista Paulo Neves estruturou as suas escolhas artísticas, as influências que sofreu pessoais e locais. De que forma o espaço geográfico (pessoal e social) o tem influenciado e como isso se reflete no seu trabalho.

A nossa proposta passa então por proceder a um levantamento o mais exaustivo possível da informação disponível sobre o artista, recorrendo a levantamento bibliográfico<sup>1</sup>, (textos de imprensa, catálogos e entrevistas), traçando a histórica e as tendências artísticas que influenciaram a sua produção artística dentro do contexto dos anos 80 e 90.

Para além desse levantamento, tentaremos ainda perceber de que modo o seu trabalho se apresenta influenciado pelo espaço, onde nasceu, reside, trabalha e onde construiu a galeria *O Mato*. Tratar-se-á de uma etnografia intimista onde se tenta perceber as nuances das suas escolhas artísticas em função das suas vivências com o lugar, enquanto espaço vivido mas também em função do seu percurso biográfico enquanto ser humano.

Boa parte das suas escolhas artísticas partem da vivência do lugar, da simplicidade do espaço geográfico enquanto espaço humano-natural que encerra "insites" artísticos, despoleta criatividade, catarse artística vindo a revelar-se importante na produção do autor.

Para a realização da nossa dissertação foi importante definir uma metodologia. Optamos assim por fazer uma recolha bibliográfica de carácter geral sobre as décadas de 80 e 90. Propusemo-nos refletir acerca do contexto dessas décadas, pesquisa esta, essencial para o enquadramento do tema. Este período teve uma grande relevância no início da carreira Paulo Neves, carreira essa realizada ao longo de três décadas. No prosseguimento do estudo analisarmos a bibliografia disponível sobre o artista. Finalmente, procuramos e seguimos o quotidiano do artista e pressupôs um acompanhamento muito próximo do trabalho em diferentes

momentos através do contato direto com o artista, fazendo uma recolha a mais completa possível sobre a vida e obra do mesmo.

O projeto de dissertação será definido através da análise do processo na obra do artista à luz de duas categorias: categoria material que aborda a relação do artista com a matéria. A sua atividade prática, os materiais e a respetiva evolução formal ao longo do tempo.

A categoria processual: as ideias, e técnicas. A questão da idealização aborda a produção da obra na relação homem-natureza, (homem artesão), a influência e o significado do meio na sua obra. A questão da matéria e técnica procura compreender os materiais e de que forma os utiliza na execução das obras.

A obra surge do pensamento do artista, o sentido religioso está evocado na morfologia da sua criação, na relação do artista com o lugar, com a cultura e com a família. (Providência, catálogo Paulo Neves).

Depois da recolha de informação trabalhou-se os dados - recolhidos junto do autor e na bibliografia. Esta última analisada com o fim último de chegarmos à produção documental da obra do escultor Paulo Neves. A produção documental a que nos referimos corresponde à apresentação prática deste trabalho de dissertação cujo resultado é proposto através do meio fotográfico e fílmico.

---

<sup>1</sup> Apesar da importância artística deste autor a crítica e divulgação, sobretudo bibliográfica, não é abundante daí o recurso, neste texto, ao testemunho biográfico do autor.

## Metodologia

A metodologia aplicada ao estudo será etnográfico centrado no processo artístico e biográfico da obra do escultor Paulo Neves, por meio da técnica de recolhidas de dados: análise de documentos, entrevistas, etc; como também de análise dos dados: análise formal e de conteúdo, análise semiótica, etc. O estudo faz uso de entrevistas assim como propõe na observação direta do seu cotidiano artístico que será traduzida neste trabalho como documento.

O método centrado na 'história de vida do artista' pressupõe um acompanhamento muito próximo do seu trabalho. A abordagem predominante será 'de ouvir', esperando-se que no final se estabeleça uma comunicação entre os envolvidos de modo a que a produção do documento síntese se aproxime dialeticamente do trabalho artístico deste autor. O principal método utilizado foi a aproximação do pesquisador no cotidiano do artista por meio das visitas ao ateliê, possibilitando uma pesquisa sobre o *modus operandi* do autor, observado enquanto processo "a acontecer". Foram realizadas várias visitas de investigação, além dos encontros informais em lugares diversos (entrevista informal) e esclarecimentos.

As visitas ao atelier do artista decorreram ao longo de alguns meses de atividade. Durante esse período foi possível, além da coleta dos documentos e registos fotográficos, participar do seu cotidiano e observando o seu modo de ação, bem como seu processo de criação acontece de fato, como e quando a obra é construída.

Esta metodologia exigiu o necessário e permanente exercício de aproximação e afastamento do objeto observado (a atuação e obra do escultor Paulo Neves) para a construção de uma análise crítica e do objeto estudado.

Ao ser concedida esta possibilidade pelo artista tornou-se objetivo desta dissertação a compreensão material e processual do seu trabalho através da apresentação visual da produção artística do escultor Paulo Neves.

## Capitulo I

## Dados Biográficos



**Fig. 1** – Artista Paulo Neves

Paulo Neves nasceu em Cucujães, uma vila de Oliveira de Azeméis a 9 de fevereiro em 1959. Com uma longa carreira de mais de trinta anos na área da escultura, Paulo Neves tem vindo a afirmar-se incontestavelmente como um escultor da nova geração portuguesa, contando no seu vasto currículo, com uma extensa lista de exposições individuais e coletivas, de trabalhos em espaços públicos, de esculturas adquiridas por coleções de museus e fundações em Portugal e no estrangeiro e uma série de prémios e distinções.

Foi na adolescência que revelou a atitude de escultor. Vivia e vive numa quinta rodeado de pequenas matas. O autor lembra-se quando concebeu a sua primeira obra que representa um Cristo, a qual ainda hoje, se encontra na parede do quarto do pai. Tinha apenas 12 anos quando decidiu que queria ser escultor. Escolhia as achas de madeira, a lenha para o fogão, pegava nos instrumentos que o pai usava nos trabalhos agrícolas pelos campos de Cucujães, e esculpia bonecos no material que estava ali. "Quando os homens foram à lua, peguei num cepo de uma árvore e comecei a esculpir um astronauta"<sup>2</sup>, recorda. A sua habilidade não passava despercebida na escola, Paulo tinha encontrado o seu caminho.

Depois frequentou, sem concluir, o Curso de Desenho na Escola Superior das Belas Artes do Porto. A sua aprendizagem prende-se às suas experiências assumindo-se como um autodidata. (Providência, in Catálogo Paulo Neves)

Aos 20 anos, imbuído pelo gosto pela aventura, decidiu percorrer o mundo à procura de experiências, de alargar os seus horizontes e conhecer artistas para além fronteiras. Passou pela, Holanda, Suíça, França e Alemanha, onde se fixou por significativos períodos entre 1978 e 1980,

---

<sup>2</sup> Entrevista com o Paulo Neves, 22 de abril 2014

teve experiências com vários artistas da Europa, voltando posteriormente à sua terra natal. A sua ligação às origens é intensa, não tendo cortado o cordão umbilical com a terra onde nasceu<sup>3</sup>.



**Fig. 2 e 3** – Casa do artista Paulo Neves

“Cucujães é o centro do mundo”, como expressa o artista, expressão esta, carregada de muita simbologia histórica e familiar. Caracteriza Cucujães como um “Paraíso” que tem fortes ligações com a natureza. O escultor nunca pensou em deixar o lugar, afirma que o que faz tem a ver muito com o lugar que habita. O espaço é moldado por uma natureza bruta onde a matéria-prima brota e a sua arte traduz esse encontro com a natureza.

Foi em Cucujães, no interior da quinta da família que instalou o seu primeiro ateliê em madeira, vinda dos caminhos-de-ferro em Ovar. Construiu esse espaço sozinho, sem ajudas de ninguém, como o autor refere na entrevista<sup>4</sup>.



**Fig. 4** – Primeiro ateliê de madeira



**Fig. 5** – Ateliê de pedra

Esse espaço fica dentro da quinta, onde o artista reside bem como os seus familiares. Nunca abandonou as suas origens, apesar dos apelos dos grandes centros, onde poderia atingir

<sup>3</sup> Sara Oliveira. “Paulo Neves e Cucujães”, 23/03/2013. *Jornal Público*, in [www.publico.pt/perfil/jornal/paulo-neves-e-cucujaes-26235042](http://www.publico.pt/perfil/jornal/paulo-neves-e-cucujaes-26235042)

<sup>4</sup> Entrevista realizada no âmbito deste estudo

uma maior projeção mediática. As suas escolhas artísticas e pessoais têm a ver sempre com o lugar onde vive.

Como refere Francisco Providência, Paulo Neves primeiro, começou a trabalhar em peças de pequena dimensão, mais tarde deu resposta a encomendas de escala maior em materiais como pinho, castanho, amieiro e sobretudo cedro. (Providência, in Catálogo Paulo Neves: 14/15)

O atelier da pedra surge mais tarde, em 1999, e é o mais distante de casa. Fica do outro lado da vila, para chegar lá é necessário entrar noutra floresta, atravessar uma pequena ponte romana, passar por um descampado com cavalos. É um atelier a céu aberto rodeado de floresta onde o pó branco se espalha. As peças têm dimensões de escala monumental sendo necessário um equipamento adequado, composto por uma grua para transportar a matéria-prima, uma caixa de madeira suspensa no ar com as ferramentas no meio das várias peças por terminar. É ali que o escultor pega na ferramenta pesada para moldar granitos, mármore, calcários, basaltos, ardósias.

Recentemente, o Rotary Clube de Oliveira de Azeméis<sup>5</sup> rendeu-lhe uma homenagem pelo seu mérito profissional, reconhecendo-o como uma grande personalidade da comunidade.

Enquanto jovem, foi sozinho à descoberta do mundo, Paulo Neves conheceu artistas, visitou museus, descobriu outros mundos, como refere o autor “ a estrada é uma escola”, e esta, foi uma experiência determinante para a obra que viria a produzir.

Uma das suas referências é o escultor João Cutileiro. João Cutileiro conquistou um lugar invejável no panorama artístico português, assume-se como um escultor fabricante de objetos de decoração. As suas obras em pedra obtiveram maturidade desde os anos 60<sup>6</sup>. Paulo Neves admira-o pela liberdade de expressão, bem como pela obsessão que ele dedica à criação da sua obra. Identificava-se com ele pelo fato do artista usar ferramentas pesadas da construção civil para esculpir as suas peças em mármore. A matéria, em que o artista trabalhava, resultava da sua existência na região do sul, enquanto a madeira era a matéria-prima mais acessível, para o Paulo Neves na área onde vivia<sup>7</sup>.



**Fig.6** – Montagem da obra o “altar”



**Fig.7** – Peças montadas no seu atelier de pedra

<sup>5</sup> Correio de Azeméis, terça-feira, 4 de fevereiro, 2014

<sup>6</sup> João Cutileiro, ” biografia do escultor – CITI”, [www.citi.pt/cultura/artes\\_plasticas/escultura/cutileiro/biogr.htm](http://www.citi.pt/cultura/artes_plasticas/escultura/cutileiro/biogr.htm)

<sup>7</sup> Entrevista realizada no âmbito deste estudo

Paulo Neves pertenceu à jovem geração de escultores portugueses, começou a expor os seus trabalhos em 1980, reconhecendo-se a sua maturidade artística na década de 1990, período de grandes mudanças nas artes em Portugal. Mudanças essas, segundo Melo caracterizadas por uma nova conjuntura cultural pela emergência de um vasto e diversificado conjunto de artistas com uma forte capacidade de afirmação do seu trabalho e uma presença cultural particularmente dinâmica. (Melo,1998)

Afirmando-se como um escultor nacional e internacional, com peças com diversas coleções portuguesas, Paulo Neves é hoje, um artista que está representado em vários países como África, Brasil, Estados Unidos, França, Espanha, Holanda, Bélgica, Alemanha, Marrocos, Roménia, Suíça e Austrália.

Paulo Neves trabalha no encontro com a arte e a vida representada simbolicamente nas suas obras. São objetos inspirados pelo seu modo de vida, é alguém que se revê totalmente na sua obra. “As suas peças são representações de figuras e formas enigmáticas que inscrevem a ligação entre o céu e a terra. Têm um estilo do figurativismo barroco e uma linguagem poética de ênfase sobre a técnica (relação com o material), denominadas na maioria por figuras humanas de variáveis expressões, esguias de olhos abertos ou fechados”. Providencia, in catálogo Paulo Neves.



**Fig.8** – Registos de desenhos



**Fig.9** – Talha na madeira

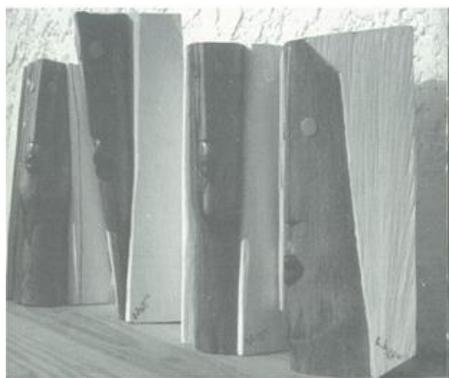
O artista refere que os anjos são umas das temáticas preferidas citadas no Metronews.<sup>8</sup> Das suas mãos saíram centenas de obras públicas que se encontram de norte a sul do país e também no estrangeiro. No entanto, como ele próprio afirma, apesar de esculpir em madeira, pedra e bronze, é com a madeira que mais gosta de trabalhar<sup>9</sup>. O artista gosta de trabalhar com materiais diferentes porque cada material permite fazer uma determinada coisa, criar uma certa

<sup>8</sup> METRONEWS – “Escultor Paulo Neves cria família de Anjos para o «Mar Shopping» de Matosinhos – Oliveira de Azeméis” 31-8-2008, in <http://www.metronews.com.pt/2008/08/31/escultor-paulo-neves-cria-familia-de-anjos-para-o-%C2%ABmar-shopping-de-matosinhos-oliveira-de-azemeis/>

<sup>9</sup> Entrevista com Paulo Neves, 22 de abril 2014

linguagem, “eu acho que, nós os artistas mandamos nos materiais mas os materiais também mandam, e é na minha relação com o material que as coisas acontecem”.<sup>10</sup>

A primeira exposição aconteceu na galeria do Moinho de Vento, no Porto. A partir daí, começou a expor as suas obras, como aconteceu em 1986, na Galeria Nasoni, no Porto. Nessa altura, ainda era um artista desconhecido. A Galeria Nasoni destacou-se nos anos 1980 e 1990 e foi uma espécie de símbolo económico da época, tendo desenvolvido ambiciosos projetos realizados ao nível do mercado das artes. (Melo1998). As exposições nessa galeria foram salientadas pelo artista como sendo as mais significativas dando a conhecer a capacidade artística do escultor Paulo Neves. Depois de José Mário Brandão, António Cabecinha e Armando Alves, donos da galeria Nasoni, terem visto o seu trabalho, nada foi como antes como descreve Maria João Fernandes, “ A primeira exposição individual de Paulo Neves na galeria Nasoni em 86 revelaria um escultor na posse dos seus meios de expressão e de uma poética que coloca na encruzilhada muito atual, do religioso, do primitivo e do mágico.” In catálogo *Paulo Neves/esculturas realizadas entre 1985 e 1990*. Corroborando sobre as exposições a autora afirma, que a exposição do artista na Fundação Gulbenkian em 86 constituiu, o primeiro reconhecimento do valor da qualidade do seu trabalho. Desde daí a sua obra correu o país e o mundo.



**Fig.10** – “A Floresta encantada”, galeria Nasoni, 1986 **Fig.11** – “Cristo” Cooperativa Arvore, 1987

A movimentação da sua obra, não assenta numa parte do lugar, pelo contrário, é um espaço que lhe inspira a relação com o lugar e com as pessoas, tem uma carga sentimental muito grande, desde a família até aos funcionários.

Mora e trabalha diariamente na “Quinta das Neves”, caracterizada como um espaço de comunidade familiar. Dentro deste espaço, o domingo simboliza o encontro familiar onde todos se juntam para um almoço de confraternização. São tradições que o artista mantém e não descora, tem a ver com os padrões católicos, assume-se religioso e acredita em Deus. Paulo Neves afirma: “acredito numa vida para além desta, senão esta vida não teria sentido, acho que não estamos aqui por acaso, acho que temos todos, uma missão a desenvolver, algo a fazer aqui.

---

<sup>10</sup> Entrevista com o Paulo Neves, 22 de abril 2014

Anjos, anjos, acredito que, tenho um anjo da guarda, ele me protege, eu gosto dos anjos!”.<sup>11</sup> Questões que o artista remete para um imaginário cósmico que se reflete na criação das suas obras.



**Fig.12** – Símbolo religioso da “Quinta das Neves”



**Fig.13** – Escultura na casa do artista

## Difusão da Obra

“ Não é o discurso que faço sobre a minha obra que faz dela arte”.

Paulo Neves

Paulo Neves tem obra espalhada pelo país e pelo estrangeiro, está representado em vários museus, ganhou diversos concursos. É um escultor da atualidade, quer em Portugal, quer no estrangeiro para onde leva regularmente a imagem e a cultura portuguesa. É alguém que se revê totalmente na sua obra, deixando que esta fale por si. Seja ela em mármore, madeira, em bronze, em aço e até nas suas incursões pela pintura. Cria peças de todas as dimensões. Com mais de dez metros ou com 10 centímetros de altura.

As suas obras estão expostas em várias coleções portuguesas famosas, ele também é apresentado nos Estados Unidos, França, Espanha, Brasil, Holanda, Bélgica, Roménia, Austrália, Marrocos e Alemanha.<sup>12</sup>

Nos anos 1980 pertenceu à mais jovem geração dos escultores portugueses, expondo com regularidade nesse período. Iniciou a expor em espaços públicos das autarquias de S. João da Madeira e Oliveira de Azeméis, Cascais, V.N. de Famalicão.

---

<sup>11</sup> idem

<sup>12</sup> Sculpture- Factory ,”Paulo Neves” Sintra in <http://www.sculpturefactory.org/index.php/paulo-neves>

A originalidade da sua obra foi reconhecida, representado na Galeria Nasoni em 1986, numa exposição individual, que revelou um escultor na posse dos seus meios de expressão e a originalidade da sua obra, o coloca numa o reconhecimento do valor e qualidade de seu trabalho. Desde então, o artista não parou, realizando exposições individuais e coletivas em museus, galerias, instituições a nível nacional e internacional.<sup>13</sup> Trabalhando frequentemente com artistas estrangeiros, ganhou diversos prémios entre os quais a Bienal de Cerveira.



**Fig.14** – Obra pública, “Pedras roladas”



**Fig.15** – Escultura pública em S. João da Madeira

Entre os trabalhos mais recentes, destacam-se as esculturas monumentais da Casa Barbot em Gaia, do Mar Shopping em Matosinhos e em diversos hotéis como o Porto Palácio no Porto e Mosteiro de Guimarães. Viu o seu trabalho exposto na 33ª edição do Fantasporto14 que teve a honra de receber a obra do Paulo Neves.<sup>14</sup> Ou na galeria Valbom, em Lisboa, inaugurada em 2000, onde Paulo Neves sendo um artista da galeria, expõe, desde 2002 até hoje. Com próprio artista refere, “Valbom não significa um contrato mas uma relação”.

Recentemente, expôs a obra escultural, “Floresta”, composta por 25 peças esculpidas em tubos plásticos de PEAD, matéria-prima introduzida inauguração no dia 29 de março, 2014 na galeria Valbom recentemente nos seus trabalhos: O artista define o material como algo cuja textura lembra a madeira. Durante uma viagem a Angola, Paulo Neves encontrou uma fábrica de tubos pretos, rígidos, coloridos utilizados para o transporte de água dos reservatórios.<sup>15</sup> Com este material realizou a obra “Floresta”, usando a mesma técnica de corte, dando formas a partir de cinco metros e dois metros de altura, quando aplicado à madeira. No entanto, ao fazer contorções tubos de PEAD, aplicar um processo quente-frio que contribui para modelá-los.<sup>16</sup> A "Florestas" esteve em Zurique (Suíça) e, em seguida, foi apresentada no Porto e Lisboa.

<sup>13</sup> Catálogo Paulo Neves 1981/1996 15 anos de escultura

<sup>14</sup> Fantasporto2014, “Paulo Neves”, 28-02-2014, in <http://www.fantasporto.com/noticias/129>

<sup>15</sup> Revista EFE, “Paulo Neves” 2 de abril, 2014, in <https://es-us.noticias.yahoo.com/bosque-pl%C3%A1stico-simula-madera-muestra-luso-paulo-neves-142100782.html>

<sup>16</sup> El Comercio com cultura, “Paulo Neves y el arte hecho en plástico, Ecuador. In <http://www.elcomercio.com/tendencias/cultura/paulo-neves-y-arte-hecho.html>



**Fig.16** – Obra “Floresta”, transporte da obra para exposição na galeria Valbom, 29 de março 2014

Paulo Neves expôs também coletivamente na Galiza (NW Espanha) na ARCO 2001, em Itália e na Roménia, em 2004, além de países como EUA, Alemanha, Brasil, Marrocos, Angola, Moçambique França e Bélgica.

## **Galeria *O Mato***

A Galeria *O Mato* surgiu no dia 8 de julho de 2012, pelo Escultor Paulo Neves, situada na Quinta das Neves, em Cucujães no mesmo local onde o escultor habita.

O Mato foi desenhado pelo arquiteto Fernando Coelho. Tem uma estrutura com características invulgares, um misto de arquitetura e “escultura”, presente entre árvores e uma multiplicidade de recursos de natureza bruta, paisagem que proporciona ao público a oportunidade de contactar com as artes plásticas e com natureza<sup>17</sup>. A ideia da morfologia orgânica da galeria nasce da relação que o artista tem com o lugar e da matéria-prima com que trabalha. Constituída por uma área de implantação de 54 m<sup>2</sup>, a galeria demorou quatro meses a completar-se tendo por esqueleto uma estrutura metálica tubular. De destacar, entre os acabamentos, a madeira que reveste o pavimento em soalho de pinho português em sintonia com a envolvente que rodeia em *O Mato*.

O artista pretendeu que este espaço fosse uma extensão do seu ateliê, também para encontro de artistas e fusão de experiências. A primeira exposição reuniu 122 trabalhos de pintura, desenho, fotografia, escultura e gravura, realizados por artistas de 11 nacionalidades diferentes.

---

<sup>17</sup> Entrevista ao Paulo Neves sobre a Galeria *O Mato*

Na sociedade contemporânea, surge a necessidade de reflexão acerca de “novos” espaços expositivos, espaços alternativos, como eles que se adaptam às necessidades atuais da produção artística e ao tipo de público que frequenta as exposições.

Como define Jurgens na revista *Arquitetura e Arte*, 108, 2008, em meados do século XX, o *White Cube*<sup>18</sup>, tornar-se-ia a configuração paradigmática universal dos museus e espaços expositivos. Nos anos cinquenta desde da reforma do *Staatliche Museum*, de Amesterdão, que se popularizou a ideia que os espaços de arte contemporânea deviam ter paredes brancas num estilo uniformizado e neutro.

Em Portugal em termos galerísticos um aspeto que marcou marcante na última década do século XX foi o alargamento de produtores expositivos, segundo Miguel Von Hafe, esta circunstância “surge através de artistas na organização de experiências independentes com um carácter destinto daquilo que o sistema das artes português estava habituado. O lugar livre permitiu abrir horizontes de trabalhos e de atuações mais flexíveis para os artistas puderam propagar práticas, teorias, modos de produção que não encontravam no espaço institucional e no espaço galerístico abertura para as suas propostas. Estes espaços eram geridos pelos próprios artistas devendo assim o alargamento do território expositivo e no aparecimento de galerias cooperativas”. (Pérez, 2007: 07).

A Galeria *O Mato* enquadra-se pelas suas características neste novo conceito de espaço expositivo. Não tendo um carácter institucional é um lugar descomprometido em relação às exigências dos e padrões de uma galeria. O Mato foi pensada e realizada pelo artista Paulo Neves, inserida no meio rural, voltada para a arte contemporânea na Freguesia do Couto, Cucujães, no Concelho de Oliveira de Azeméis. Foi um projeto concebido para receber artistas nacionais e internacionais e em consonância com a produção artística do artista, sendo um encontro que potencia a interação com a arte e o entorno da galeria.



**Fig.17** – Atelier de armazenamentos das peças



**Fig.18** – Galeria *O Mato*

<sup>18</sup> Jürgens, Sandra. “A sagração do *White Cube*: A persistência de um modelo moderno”, in revista de *Arquitetura e Arte*, 108, 2008. In <http://sandravieirajurgens.wordpress.com/category/artigos-em-revistas/arq-a-artigos-em-revistas/>



**Fig.19** – Inauguração da exposição do artista Rui Pimenta



**Fig.20** – Interior da galeria

A arte contemporânea caracteriza-se por novas formas entendimento, a produção artística surge do diálogo entre o artista, obra e público. Contudo, estas propostas são sempre viabilizadas no meio urbano, onde se supõe que haja um público de proximidade consumidor de arte. Rocha, 2012. A proposta de consumo artístico no meio rural surge como uma proposta alternativa e ainda pouco explorada em que, entre outros aspetos, interage com o meio ambiente. Regra geral, existe uma tendência na atualidade para concentração urbana dos espaços de exposição artística, em que as galerias e outras áreas de produção e consumo de arte, se encontram numa rua ou bairro onde o público pode aceder com maior facilidade ao mercado de arte. Segundo o Paulo Neves, ao contrário de outras galerias. *O Mato* encontra-se isolada, num contexto rural e numa cidade pouco central no que toca a produção artística nacional e internacional<sup>19</sup>.



**Fig. 21 e 22** – A Exposição do artista Rui Pimenta, 7/11/2013



**Fig.23** – Exposição "In the wood(S)" de Vanessa Chrystie; 15/03/ 2014

<sup>19</sup> Entrevista com Paulo Neves sobre a galeria *O mato*

## Panorama artístico dos anos 80 e 90 em Portugal

Este capítulo será apresentado, um panorama artístico dos anos 1980 e 1990 em Portugal, período, este, que demonstram as sucessivas transformações resultantes da evolução da própria sociedade e das artes, que se repercutiu nas obras do artista Paulo Neves, sendo dividida em duas fases, entre as décadas de oitenta e meados dos anos noventa. Durante essas fases adotou os quais adaptados a face como elemento iconográfico primária, embora ele tenha mudado a partir desse momento, aquando da construção de uma linguagem estética caracterizada por espirais e linhas paralela, usando golpes como anel impresso sobre o tronco da árvore. Esta uma das alegorias do que serviram para marcar a passagem do tempo, uma das suas preocupações temáticas.

A nível das artes, em Portugal, antes do 25 abril, as instituições públicas e fundações como a Fundação Gulbenkian, e a SNBA (Sociedade Nacional das Belas Artes) eram os principais centros de animação da cena artística portuguesa. O período do pós-25 de abril, destaca-se inclusivamente por transformações políticas, sociais e culturais que, nesta época, ocorreram e operaram na vida portuguesa. Segundo Alexandre Melo “Os acontecimentos políticos de 1974 vieram interromper o ritmo das exposições de artes plásticas, assim como o conseqüente trabalho da crítica. As preocupações sociopolíticas ocupavam então páginas dos jornais, de onde quase desapareceram as referências à prática artística”. (Melo,1998:52). A realidade artística foi perdendo a sua autonomia perante a agitação política legislativa, que determinaram uma forma de renovação da participação cultural, a qual pretendia estabelecer uma nova relação entre artista e publico em todas as áreas artísticas.

Segundo Sílvia Chicó, deu-se uma nova reforma no ensino artístico. Na ESBAL, Escola Superior das Belas Artes de Lisboa, são criados os departamentos de Artes Plásticas e Design e o de Arquitetura. Em 1976, José-Augusto França cria o primeiro Mestrado em História da Arte, na Universidade Nova de Lisboa. (Chicó, 1999: 267).

Referido por Alexandre Melo, em Lisboa, as atividades conceptuais protagonizadas por inúmeros artistas, serão assunto aglutinador da exposição comissariada por José Ernesto de Sousa em 1977, intitulada Alternativa Zero, levada a cabo na Galeria Nacional de Arte Moderna em Belém (que nos anos mais tarde viria a arder). Segundo o mesmo autor essa exposição, “encerra o período das convulsões pós-revolucionárias, fazendo o balanço da década de 70 no que diz respeito às experiências artísticas mais vanguardistas” (Melo, 1998:57). O mesmo autor afirma que, a exposição constitui um balanço de trabalhos de experiências artísticas mais vanguardistas<sup>20</sup> que registou em Portugal, tendências da evolução da arte contemporânea a nível internacional. Este evento foi de enorme importância para a cultura artística portuguesa, além de consagrar Ernesto de Sousa, como figura tutelar da crítica artística portuguesa também caracterizou uma necessidade de praticar atitudes vanguardistas próximas ao panorama

internacional. O autor diz que a exposição, “ Alternativa Zero surge como resposta à necessidade profunda de acabar com aquele duplo isolamento, combatendo a fórmula Salon”<sup>21</sup> , (e as suas falsas aparências democráticas) por uma perspetiva crítica, e uma responsabilidade totalmente assumida.” (Sousa, 1998: 68). Ernesto Sousa ainda refere que essa exposição significou, uma rotura na conceção de espaço e do envolvimento, “ Neste espaço todos seremos atores, prontos a viver a vida como situação estética; e autores, isto é, absolutamente responsáveis. O espaço neste caso é um envolvimento criado a partir das nossas ações e pensamentos, e dos objetos que-se-abrem” (Sousa, 1998: 75).

Ernesto de Sousa pretendeu uma redefinição da situação artística portuguesa. (Ávila, 2003:52). Reunia vários artistas com orientações estéticas diversas, demonstração para criar zonas de consenso e convívio, pratica artísticas que vão dos movimentos happening<sup>22</sup> e fluxus<sup>23</sup>, criação de novas investigações estéticas sobre o tempo e espaço, tendo como participantes, Helena Almeida, Pedro Andrade, Aramando Azevedo, Vítor Belém, Júlio Bragança, João Brehem, Fernando Calhau, Alberto Carneiro, José Carvalho, Manuel Casimiro, E. M. de Melo e Castro, José Conduto, Noronha. (Sousa, 1998).

As tendências artísticas que marcaram os anos 1980 foram, o aparecimento de manifestações de descontentamento com os eventos artísticos da época, falta de projeção internacional. O desencanto das perspetivas revolucionárias desviou-se para as opções de intervenção artísticas. Segundo Pinharanda, “Instaura-se uma euforia criativa, generalizada à arquitetura, ao design, à fotografia, à moda ou à música, «uma fúria de viver» capaz de relembrar a situação de libertação de costumes só timidamente sentida em Portugal nos anos 60”. (Pinharanda in Pereira, 1995: 615).

## Anos 80

Nos anos 80 a exposição “Depois do Modernismo” (Sociedade Nacional de Belas Artes, Lisboa, 1983), coordenada por Luís Serpa na Sociedade Nacional de Belas Artes, em Lisboa, em 1983, a exposição reuniu várias disciplinas: Artes Visuais, Arquitectura, Moda, Música, Dança, Teatro e Colóquios. Alexandre Melo diz que introduziu-se em Portugal, “ temas e debates pós-

---

<sup>20</sup> Esteve marcadamente ligada à inserção do conceptualismo, bem assim como se aliou à abertura de outras atividades artísticas, como por exemplo o vídeo, e a música.

<sup>21</sup> “O *Salon* Permanência de termos franceses denuncia bem a presença de um certo modo europeu nos arraiais da cultura portuguesa”. Ernesto de Sousa *Ser Moderno em Portugal*. 1998:67

<sup>22</sup> Happenings, uma forma de expressão das artes visuais, é um tipo de obra, quase planejada incorporada por elementos de improvisação, que nunca se repete da mesma maneira. Wikipédia, Significado de Happenings in [http://pt.wikipedia.org/wiki/Happening-](http://pt.wikipedia.org/wiki/Happening)

<sup>23</sup> O espírito Fluxus (To be in) é definido por Ernesto de Sousa como a recuperação da antiga conexão entre a arte e vida, pelo envolvimento e participação, entrega e abertura, dádiva improdutiva e, de um modo geral por todas as atitudes artísticas que tendem a reverter a disponibilidade estética em festa. Ernesto de Sousa. *Ser Moderno em Portugal*, 1998: 251.

modernos<sup>24</sup>, e correspondeu à instauração de uma situação plástica balizada pelo "regresso à pintura"<sup>25</sup>, a transvanguarda<sup>26</sup>, o neo-expressionismo, a "bad painting" e as «novas figurações»” Melo, 1998: 64/67. Este movimento surge na primeira metade dos 80 proclama-se como área indefinida, onde grupos de artistas estão juntos não por tendências ou afinidades comuns, mas com vista a uma atitude artística e filosófica. Esta tendência repercutida neste movimento coletivo, quis mudar o panorama cultural de Portugal. Afirma Luís Serpa, essa exposição, era tabu para cultura portuguesa e que revolucionou contra o regime institucional arcaico<sup>27</sup>. Tal época caracterizou-se pela emergência de um vasto e diversificado conjunto de artistas, com uma forte capacidade de afirmação do seu trabalho e intervenção cultural. Estes artistas foram acompanhados por uma nova vaga de agentes, galeristas e críticos como, Alexandre Melo e João Pinharanda que foram responsáveis pela capacidade da animação e divulgação das artes plásticas no meio artístico<sup>28</sup>. Diz Alexandre Melo que, “ Uma das características da conjuntura artística dos anos 80 foi a animação mundana e mediática produzida pela afirmação pública de grupos informais de artistas que, através de exposição e entrevistas coletivas, foram constituindo e divulgando as sucessivas vagas de autores reveladas ao longo da década” (Melo, 1998:66). Corroborando sobre este acontecimento, reveste-se de particular interesse o aparecimento do artista Paulo Neves, um jovem escultor, contribuiu para escultura portuguesa. Período este em que destacava-se dois grandes escultores, João Cutileiro e Zulmiro de Carvalho. (Almeida, in *Catálogo Paulo Neves, trinta anos de trabalho:8/9*).

Um dos artistas mais ativos no início dos anos 80, incluiu, Julião Sarmento, como o nome português mais destacado em termos de reconhecimento internacional. A este se juntam, José Pedro Croft, Pedro Cabrita Reis (o mais revelador desta geração), Rui Sanches e Rui Chafes. Ao longo desta década, nas práticas artísticas foram também reconhecidos os artistas João Penalva e Rigo, que atualmente vivem no estrangeiro. (Melo, 1998: 66).

Nos meados da década de 80, várias exposições coletivas foram acontecendo mas a que mais destacou foi *Continentes*, que decorreu na SNBA em 1986. Uma vaga de artistas que surgiram, entre eles, Pedro Portugal e Pedro Proença<sup>29</sup>. Alexandre Melo revela os contornos da prática “inicial” que a seu ver, constituía um grupo que marcava uma nova atitude e de uma

---

<sup>24</sup> Os artistas quiseram manifestar a sua indiferença para o poder instituído, manipulador, que vigorava ainda em Portugal no campo das artes visuais

<sup>25</sup> Visto por alguns críticos como uma resposta às necessidades do mercado da arte e ao aparecimento duma jovem média burguesia que pretende investir e enfeitar-se culturalmente.

<sup>26</sup> Na transvanguarda assiste-se a uma consagração generalizada da pintura como comprovou a Documenta 7 de Kassel (1982), onde a nova figuração internacional neoexpressionista e transvanguardista coexistia com os representantes da arte “povera”, com Warhol, J. Beuys, ou F. Stella.

<sup>27</sup> Jurgens, Vieira, “Entrevista com Luis Serpa”, *Arte Capital* 22-12-2006, in <http://www.artecapital.net/entrevista>

<sup>28</sup> Instituto Camões, “Arte e artistas em Portugal, anos 80”, in [http://cvc.instituto-camoes.pt/decadas/anos-80.html#U\\_laEKjlbto](http://cvc.instituto-camoes.pt/decadas/anos-80.html#U_laEKjlbto)

<sup>29</sup> Melo, Alexandre: *Artes Plásticas em Portugal, dos anos 70 aos nossos dias*, Editorial Difel, 1998. Referencia individual a Pedro Proença (pags.184, 185, 198 e 187) e Pedro Portugal (pags. 188, 189, 190 e 191).

grande exuberância visual, marcada por um forte sentido lúdico de provocação à atualidade artística. (Melo, 1998: 68).

Segundo A. Melo, do ponto de vista das mudanças culturais, ideológicas, sociais e políticas, anos 80 comportavam especificidades. A nível cultural, “ têm consequências relevantes na transformação das formas de definição dos conteúdos e contornos do mundo das artes plásticas ao longo do mesmo período” (Melo, 1999: 285).

A imagem da vida artística dos anos 80 preconizava um comportamento de grande euforia, aparecimento das grandes festas artísticas, explosão mediática, especulação bolsista, são comportamentos visíveis da época. (Melo, 1999: 286).

Essa animação deve-se à abertura de várias galerias, entre as quais duas que, por razões diferentes, serviram de imagem emblemática nos anos 80, a Galeria Cómicos em Lisboa e a Galeria Nasoni no Porto.

A concentração de inaugurações, ampliações e mudanças de espaços na segunda metade da década de 80, assim como o projeto do Museu Nacional de Arte Moderna, em 1989, na Casa de Serralves, são indicadores de uma crescente animação cultural e económica na área das artes plásticas e uma óbvia consequência de animação do mercado de arte em Portugal. No mesmo período deu-se o início do trabalho de internacionalização de artistas estrangeiros, em Portugal e a presença das galerias em feiras de arte no estrangeiro, sobretudo na ARCO<sup>30</sup>, em Madrid que acontece desde 1984 até hoje. Melo caracteriza a *Galeria Cómicos* como sendo um espaço com uma forte capacidade de afirmação, revelando temas e debates estéticos, que marcaram este período, designadamente a discussão entorno da noção do pós-modernismo<sup>31</sup>. Por outro lado a *Galeria Nasoni*, é uma espécie de símbolo económico do mercado da arte em Portugal, com a inerente espiral de inflação e especulação no mercado internacional da arte contemporânea durante este período. Na sequência da guerra no Golfo nos anos 90, instala-se uma crise a nível internacional, com contornos políticos, económicos e sociais. “A consciência dessa realidade de crise provocou uma alteração das modalidades de intervenção do individual no social (...) a necessidade de transformar o trabalho artístico em análise crítica direta e comentário do real”. Carlos in Pereira, 1995:629/630)

O contexto nacional era particularmente difícil e algumas galerias vieram a sofrer pela crise da recessão económica, o que levou ao encerramento destas galerias. (Melo, 1998: 73).

---

<sup>30</sup> Jgens, Sandra, Pérez em entrevista à Arte Capital em 21-02-2007. Como é referido, “para os artistas portugueses, a presença na ARCO (Feira de Arte Contemporânea de Madrid) é muito importante porque algumas instituições estão lá e estão atentas”, in <http://sandravieirajgens.wordpress.com/?s=miguel+van+perez&x=6&y=11>

<sup>31</sup> Jameson através de Featherstone fala em pós-modernismo como uma lógica cultural, ou dominante cultural, que conduz à transformação da esfera cultural da sociedade contemporânea. Featherstone, *Cultura de Consumo e Pós-Modernismo*, 1995:26

## Anos 90

O panorama galerístico nos anos 90 inscreve, pela fraqueza das galerias em Lisboa <sup>32</sup>, o contrário que viria a suceder no Porto. Esta cidade foi considerado como um dos principais centro galerístico do país, com os casos das *galerias Fernando Santos e Quadrado Azul, André Viana, Canvas e Presença*. A. Melo refere que, elas, adquiriram um protagonismo através de uma atitude mais eclética e mais adaptada ao que o mercado solicitava. Com a abertura destas exposições, contrastando o encerramento em Lisboa, transformam o Porto, no final do anos 90, no principal centro galerístico do País. (Melo, 1998:73)

Os anos 90 apresentam uma diferença de linguagem, a produção nacional acarretava um forte sentido de consciência crítica que foi fundamental para a postura artística e social, o caso, paradigmático de Leonel Moura, Cabrita Reis ou Proença. (Pereira, 1995). Neste período, alguns artistas foram aparecendo com uma nova postura, designadamente Pedro Portugal<sup>33</sup>, Paulo Feliciano, Rui Serra e Paulo Mendes, empenhados em assumir uma crítica cultural, estabelecendo uma atitude irónica de comentário sociológico e intervenção política. Segundo Melo, “Para estes autores, como também, por exemplo, Paulo Scavullo, é particularmente importante, a relação com as linguagens da comunicação social e cultura de massas, designadamente a música pop, banda desenhada, publicidade e o design”. (Melo, 1998: 68)

As instituições públicas, Sociedade Nacional de Belas Artes (SNBA) ou o Centro de Arte Moderna (CAM) da Fundação Calouste Gulbenkian perdem o seu protagonismo e contacto com a atualidade devido uma menor entrosamento com uma nova conjuntura dos anos 90. Assiste-se neste período, ao aparecimento de novas instituições – a Fundação de Serralves, no Porto, a Culturgest, na nova sede da Caixa Geral de Depósitos e o Centro Cultural de Belém, em Lisboa. Estas instituições marcaram o panorama expositivo da arte contemporânea. (Melo, 1998: 78).

Em 1992 inaugura-se no Porto, o Museu de Serralves com a exposição *10 Contemporâneos* comissariada por Alexandre Melo que perspectivava a produção de 10 artista (Gerardo Burmester, Pedro Cabrita Reis, Pedro Calapez, Pedro Casqueiro, Rui Chafes, José Pedro Croft, Pedro Portugal, Pedro Proença, Rui Sanches e Julião Sarmento), apresentados como protagonistas da cena artística nacional na viragem dos anos 80 para os anos 90, uma lista de artista que faziam parte integrante de uma situação internacional da arte contemporânea<sup>34</sup>.

No ano seguinte, também em Serralves, e com o objetivo mais específico de criar uma imagem de marca da década de 90, surge a exposição “A imagem para os anos 90” comissariada por Fernandes Pernes e Miguel von Hafe Pérez. Esta exposição reuniu pela primeira vez um

---

<sup>32</sup> Jurgens, Sandra, Entrevista com Luis Serpa, Arte Capital em 22-12-2006. Com a Crise Asiática e com a recessão em Portugal, os anos 95 e 96 foram caóticos; no pós Lisboa Capital da Cultura '94 houve um vazio muito grande, tendo o mercado recuperado só em inícios de 1997, in <http://www.artecapital.net/entrevista>

<sup>33</sup> Fundador do grupo Homeostética em 1983, movimento caracterizado por ações e atitudes irreverentes sobre os paradoxos da sociedade portuguesa.

grupo de artistas emergentes, Miguel Palma, Paulo Mendes, João Paulo Feliciano, Fernando Brito, João Louro, António Olaio, João Tabarra, Carlos Vidal, Manuel Valente Alves, Daniel Blaufuks, Miguel Ângelo Rocha, Rui Serra, entre os quais estão muitos nomes que irão moldar a arte portuguesa nos anos 90. Esta exposição assinalou a emergência de novos discursos e práticas artísticas que viria a exercer influência decisiva sobre o percurso posterior das artes plásticas em Portugal. Como afirma Miguel von Hafe na entrevista sobre o seu projeto Anamnese,<sup>35</sup> “Imagens para os Anos 90 acontece, pois, no início da década de 90, acabando por marcar a diferença num contexto, não o esqueçamos, ainda marcado na década anterior pelo protagonismo isolado de uma só instituição que, de forma continuada e com qualidade, se dedicava à arte contemporânea: o Centro de Arte Moderna da Fundação Calouste Gulbenkian”. (Pérez, 2001, pg:11).

Sandra Vieira Jurgens, foca a importância da referida exposição salientando

*“Também António Cerveira Pinto mencionara já o fenómeno da bipolarização estética no texto que escrevera para o catálogo, relacionando a afirmação do realismo mediático, da abordagem realista atenta aos fenómenos sociais e às estratégias mediáticas da contemporaneidade, com os projetos dos mais jovens artistas representados, e ainda com as intervenções de Leonel Moura, Pedro Portugal e Fernando Brito. E é assim que não obstante englobar obras de artistas dos anos 80 e um conjunto diversificado de projetos e de vias singulares de produção artística, a iniciativa Imagens para os Anos 90 acabaria por caracterizar o panorama da criação e da crítica nacional, e destacar as obras realizadas por um grupo de artistas mais tarde designados por “Geração de 90”<sup>36</sup>. Jurgens, 2006: 154*

A geração dos anos 90, grupo informal que incluía, Carlos Vidal, João Louro, Rui Serra, Paulo Mendes, João Tabarra, Miguel Palma, Fernando Brito e João Paulo Feliciano, estes manifestaram uma atitude inconformista e um sentido de responsabilidade crítica em relação ao seu contexto vivencial e ao próprio sistema artístico.

Com o aparecimento da Fundação de Serralves e a criação do Centro Cultural de Belém e da Culturgest, o panorama institucional em Portugal alterou-se de forma significativa. (Melo, 1998: 75). Em 1992, nova vaga de produtores expositivos começa a surgir que marcou a última década

---

<sup>34</sup> Pomar. Alexandre, “Anos 90”, 26- 12. 2006- in [http://alexandrepomar.typepad.com/alexandre\\_pomar/2006/12/os-anos-90.html](http://alexandrepomar.typepad.com/alexandre_pomar/2006/12/os-anos-90.html)

<sup>35</sup> Pérez, Miguel, Anamnese – o processo. O projeto *Anamnese* designa à produção da cultura portuguesa em suporte digital. Pérez, Miguel, *Anamnese – o processo*. Porto, in <http://www.anamnese.pt/anamnese-10-27.pdf>

<sup>36</sup> Jürgens, Sandra, “(Um) texto para os anos noventa”, *Arte portuguesa Contemporâneo/Argumentos de Futuro*. Colección MEIAC, Museo Extremeño y Iberoamericano de Arte Contemporáneo, 26-12-2006, pp. 154-163), in <http://sandravieirajurgens.wordpress.com/tag/imagens-para-os-anos-90/>

do século XX. Miguel Pérez refere a existência de artistas que intervieram na organização de experiências independentes com um modo diferente daquilo a que o sistema das artes estava habituado. Dando resposta a essa necessidade, Lisboa começa a esboçar um circuito alternativo, ou seja, espaços não comprometidos para artistas que não encontravam nas instituições e nas galerias respostas às suas necessidades. A criação de espaços alternativos como, a galeria ZDB em Lisboa e no Porto, Maus Hábitos, Caldeira 213. Estes espaços além de irem ao encontro dessas necessidades, tiveram um papel muito importante na afirmação dos percursos de muitos artistas que irão surgir ao longo da década. (Pérez in Pernes.1999: 7).

Gerhard Richter refere sobre o espaço indeterminado da arte,

*“Não tenho objetivos, um sistema, uma tendência, não tenho um programa, um estilo, uma direção. Não tenho tempo para especializações, trabalhar temas, ou variantes que levam à mestria. Escapo a qualquer definição. Não sei o que quero. Sou inconsciente não comprometido, passivo, gosto do indefinido, do ilimitado; gosto da incerteza permanente. Outras realidades talvez conduzam à realização, à publicidade, ao sucesso, mas estão todas gastas – tão gastas como as ideologias, as opiniões, os conceitos e os nomes dado às coisas”. (Richter, 1995:58).*

Nesse mesmo ano Pedro Cabrita Reis é convidado para a Documenta de Kassel e inaugura uma exposição antológica no CAM da Gulbenkian.

Em 1993, assiste-se a um trabalho de artistas emergentes com uma vontade de aproximar a arte portuguesa ao estrangeiro. Realizam-se no Porto as segunda jornada de Arte Contemporânea. A exposição intitulada *A Pasta de Walter Benjamin*, apresentou obras de artistas britânicos emergentes, viria a formar a geração dos Young British Artists (YBA): Douglas Gordon, Christine Borland, Graham Gussin ou Jane & Louise Wilson, entre outros<sup>37</sup> Ainda no mesmo ano, um grupo de artistas assumem uma dinâmica própria, resolvem tomar próprias decisões referentes às modalidades de exposição. Esses artistas são, entre outros, Paulo Carmona, Pedro Cabral Santo, Tiago Baptista e Paulo Mendes. Através destas exposições, toda uma nova vaga de artistas será apresentada, juntando-se nomes como Rui Toscano, Miguel Soares, Carlos Roque, Alexandre Estrela, ou Rui Valério, aos já mais afirmados Ângela Ferreira, João Tabarra, Miguel Palma, João Louro, Entertainment Co., Paulo Mendes, João Paulo Feliciano, Fernando José Pereira, Pedro Cabral Santo, Augusto Alves da Silva, Rui Serra, Cristina Mateus e Miguel Leal<sup>38</sup>.

No plano institucional, devido à ascensão do panorama artístico que se fazia sentir, assista-se à criação do Ministério da Cultura, em 1995, e do Instituto de Arte Contemporânea

---

<sup>37</sup> Chuva, Vasco, “Os últimos 50 anos da Pintura e escultura portuguesa do séc. xx”. 2005 In <http://www.chuvavasco.com/50anos.pdf>.

<sup>38</sup> Pomar, Alexandre, “ Anos 90”, 26- 12. 2014, in [http://alexandrepomar.typepad.com/alexandre\\_pomar/2006/12/os-anos-90.html](http://alexandrepomar.typepad.com/alexandre_pomar/2006/12/os-anos-90.html)

(IAC). Dirigido desde o início por Fernando Calhau, o IAC terá um papel fundamental na dinamização dos circuitos de produção e divulgação de que a arte portuguesa tanto carece, retomando em 1997 a participação nacional na Bienal de Veneza (Julião Sarmiento, com comissariado de Alexandre Melo).

Um dos grandes acontecimentos histórico do colecionismo neste século em Portugal foi a coleção Berardo e respetiva inauguração no Sintra Museu de Arte Moderna. Nessa coleção, o público teve o privilégio de ver obras representativas das principais tendências da evolução artística da segunda metade do século XX. (Melo,1998:76). No mesmo período assiste-se a inauguração do Museu de Arte Contemporânea de Serralves, no Porto, com a exposição internacional Circa 1968, comissariada por Vicente Todolí e João Fernandes.

No final da década 90 denota-se singularidade na prática artística e poucos grupos mantinham atividade conjunta. Esta atitude tem a ver com os acontecimentos internacionais que se refletiram a nível nacional, social, político e culturalmente. Com intensões artísticas, novas gerações de artistas emergem fruto do desígnio da globalização que se fazia sentir.

## Capitulo II

## Análise da Obra

*“É na minha relação com os materiais que as coisas acontecem”*

*Paulo Neves*

Este capítulo refere como o escultor estabelece a sua relação com os materiais e as utilizações que tem dado à escultura. O artista revê-se totalmente na sua obra, deixando que esta fale por si. Seja ela em mármore, madeira, em ferro, ou plástico. Cria peças de todas as dimensões quer sejam obras monumentais quer sejam em escala pequena. Providência refere que “Paulo Neves escolheu sempre trabalhar com materiais de proximidade, vivendo rodeado de pequenas matas”. Catálogo Paulo Neves 1981/1996 15 anos de escultura.



**Fig.24** – As mão obreiras de Paulo Neves

O período da história da arte tem sido marcado pela utilização de suportes e materiais que lhe são próprios, por exemplo, a escultura no mundo grego, a tinta a óleo no Renascimento, a fotografia no século XIX e atualmente os novas formas de comunicação, como vídeo e o computador. O surgimento de novos suportes na arte contemporânea remonta à crise da representação, ocorrida no período da Arte Moderna, entre final do século XIX e começo do século XX. As vanguardas artísticas como o Cubismo, Surrealismo, Suprematismo e o Dadaísmo são responsáveis por iniciarem as experimentações e investigações e uso de novas linguagens e materiais, rompendo assim com os suportes tradicionais. (Woldeman, 1986).

Observamos nas obras de artistas modernos, diferentes intervenções como exploração da espessura dos suportes e tintas, colagens, inserção de objetos de uso quotidiano. Ao mesmo tempo em que desconstruíam os princípios tradicionais da arte que foram preservados durante

séculos, os artistas de vanguarda reivindicavam a ampliação dos processos artísticos tradicionais através da mediação de dispositivos tecnológicos e a incorporação de novas tecnologias na produção artística. Essa mistura de materiais, suportes e meios, disponíveis aos artistas foram também conduzidas para outras atitudes em relação aos materiais. Como define Nicolas Bourriaud em relação pós-produção, ele mostra-nos como entender e interpretar as novas manifestações artísticas de *arte* em nossa época, abordando as relações entre a cultura, em geral, e a obra, em particular. Ele caracteriza os novos modos de produção, todas, de uma forma diferente em termos formais, recorrendo a formas já produzidas. Elas registam a obra de arte numa rede de signos e significações, em vez de considerá-la como original. A diversidade de uso da matéria Bourriaud define-a como:

*“Essa arte de pós-produção corresponde tanto a uma multiplicação da oferta cultural quanto – de forma mais indireta – à anexação ao mundo da arte de forma até então ignoradas ou desprezadas. Pode-se dizer que esses artistas que inserem o seu trabalho nos dos outros contribuem para abolir a distinção tradicional entre a produção e consumo, criação e cópia. Ready-made e obra original. Já não lidam com uma matéria-prima. Para eles não se trata de elaborar uma forma a partir de uma material bruto, e sim trabalhar com objetos atuais na circulação no mercado cultural, isto é, que já possuem forma dada por outrem. Assim a noção de originalidade (estar na origem de....) e mesmo de criação fazer a partir do nada) esfuma-se nessa nova paisagem cultural marcadas pelas figuras gêmeas de DJ e do programador, cujo as tarefas é selecionar objetos culturais e inseri-los em contextos definidos”. (Bourriaud, 2009, pg:8)*

Desta forma, a criação já não define somente a construção dum objeto original, mas emerge a partir de um objeto já existente, dando-lhe outra roupagem. Na arte conceptual abandona as técnicas e materiais sendo o objeto o principal comunicador de ideais e de conceitos, movimento representado pelo artista Joseph Beuys. (Woldemar, 1986).

A arte contemporânea remonta a um ser humano complexo e híbrido pelas suas vivências e do uso da complexidade de materiais. Definida pelo conceito Pós-modernismo. Caracterizada pela desordem, choque de tendências e convivência de diferentes estilos. Abarca todo o universo de obras, objetos, performances, vídeo arte, instalações, happenings entre outros, que caracterizam a produção artística hoje. Arthur Danto problematiza as transformações na arte contemporânea, buscando compreender as mudanças conceituais e históricas que envolvem a concepção, produção e recepção das obras no espaço e tempo que as legitimam. Danto, 2006.

## Questão Formal: Relação do Artista com a Matéria

Bernardo Pinto de Almeida diz que Paulo Neves não sucumbiu a estas transformações, a grande parte das suas produções remetem para o uso dos materiais tradicionais. Corroborando sobre o uso de materiais e técnicas das obras do artista o autor refere que,

*“Os materiais e técnicas a que recorre, cumprem com coerência o mesmo desígnio de uma tecnicidade primitivo-tradicional, num território entre a celebração ritual e a representação artesanal; Paulo Neves, integra o mesmo ciclo existencial de um sistema arcaico e obsoleto (que o da ruralidade), de nostálgica filiação à experiência mística, perdida no processo da actual secularização urbana. Assim parece a sua obra, toda inventada quanto aos meios”. (Almeida, in catálogo Paulo Neves, pg:14).*

O artista, não é influenciado pelas tendências estéticas, apesar de catalogarem a expressão das suas peças, de apelarem ao expressionismo e barroco. Providência, in catálogo Paulo Neves trinta anos de trabalho. Na entrevista, o artista alude que não segue nenhuma tendência artística, faz uso de uma linguagem própria e de um estilo próprio. As suas peças são criadas através da sua relação com os materiais e pelo seu meio, é o que define a sua obra. Afirma em seu ateliê que, o seu processo de criação é entendido como exercício poético na sua relação com os materiais que emergem algo criador, dando a produção de trabalhos de sua vasta obra. Atendendo a esta forte ligação com a matéria, Fayga Ostrower cita que,

*“Criar é, basicamente, formar. É poder dar uma forma a algo novo. Em qualquer que seja o campo de atividade, trata-se, nesse "novo", de novas coerências que se estabelecem para a mente humana, fenómenos relacionados de modo novo e compreendidos em termos novos. O ato criador abrange, portanto, a capacidade de compreender; e esta, por sua vez, a de relacionar, ordenar, configurar, significar”. (Ostrower, 1977:187).*

Esta é a práxis do artista: uma mão que manufatura e um envolvimento físico total na elaboração de sua obra. Sua mão é um elo importante com o trabalho; é por meio dela que se dá a transformação do material.



**Fig.25** – construção da obra “ Meandros”



**Fig.26** – Obra “viagem no Ferro”

A mão de Paulo Neves pensa, sonha, realiza. Guiada por seu devaneio, atua sobre a matéria que resiste e cede. Assim, o artista modifica, transforma o mundo quando transforma a matéria, e, construindo sua obra, transforma-se. Pois, para a mão que trabalha por seus sonhos, a matéria é oportunidade de realização pessoal. (Fayga, 1977).

Para Bachelard, a imaginação material opera no confronto direto com a materialidade do mundo, pela ação dinâmica e transformadora da mão trabalhadora, o homem é um ativo interventor da matéria, instrumento da vontade e do poder. O autor refere a uma filosofia ativa das mãos, a que pertence aos artistas, aos alquimistas, aos obreiros e a todos os que enfrentam a matéria para transformá-la. A poética da mão obreira de Paulo Neves, a ideia de modificar a natureza pelo trabalho humano. Bachelard,2002

Ao longo da história os artistas buscam a expressão dos materiais atendendo às suas especificidades e sua essência, a matéria-*prima* conseqüentemente alterou-se pela evolução da tecnologia. “Nos tempos modernos, os escultores evidenciam as texturas da madeira, do barro, da pedra e do metal. Esta valorização dos materiais essenciais ajudou a salientar outro aspeto importante no encanto da escultura”. Barry,1964:76

Uma nova concepção de materialidade, refere a rejeição do uso pelos materiais «pesados» da tradição, Raychaman corrobora que, o sentido estático causado sobre a gravidade da matéria proferiu a substituição sobre as novas tecnologias eletrônicas administradas por um capitalismo consumista e de informação global pós-colonial<sup>39</sup>, criaram de forma, um vasto processo de desmaterialização e de desterrorização. Criado do modernismo industrial, o sentido de imaterialidade e a leveza acarretam o significado de uma perda de proximidade de local. Após esta concepção surgiu outra nova visão sobre a terra e as suas materialidades. A terra já não é aquilo que nos ancora mas sim fornecedora de novos espaços leves e dinâmicos em múltiplas maneiras e materiais. (Raychaman, 2002)

O sentido estático da terra profere o sentido da gravidade do material e o sentido estático (estátua, como o nome diz, vem de algo estático) do lugar nas obras de Paulo Neves. O artista

---

<sup>39</sup> Pós-colonialismo é um conjunto de correntes teóricas e analíticas, pela nova concepção sobre o mundo contemporânea

explora a terra como fornecedora de matéria e de vivências, transformando-as e dando-lhes expressão. “O seu saber é paradigmaticamente o enigma emergente da relação amorosa com a matéria e a mãe. A sua linguagem poética é interior à dilaceração do ser; construída pela ideia de beleza em oposição à bruteza do acaso.” (In Catálogo, Paulo Neves, 1981/1996, 15 anos de escultura).

A madeira é usada nos primórdios da sua carreira artística. A obra “Floresta encantada” de 1986 e os “Apelos totémicos” de 1986. Citado no catálogo da época, do seguinte modo,

*“Trabalhando normalmente em madeira, este escultor tem sido referido neo-barroco e neo-primitivo pela permanente tensão que, imprime às suas obras, entre o mais puro animismo e uma delicada erudição moderna. As suas peças revelam a beleza dos materiais na sua brutalidade natural, como fazem homenagem à requintada artesiana barroca portuguesa da talha revestida a ouro”. In catálogo Paulo Neves, 1981/1986 15 anos de escultura.*

Paulo Neves cita na entrevista que, começou a esculpir “cepos” de madeira, usando somente uma ferramenta, as goivas. É um material de proximidade, já que o artista reside rodeado por matas. Nos inícios da sua carreira artística, Maria João Fernandes descreve a sua escultura como “A escultura do artista reúne um estilo, o domínio dos materiais e a emoção da matéria indomável, refazendo a imagem tradicional de uma linguagem figurativa”. In catálogo Paulo Neves/1985/1990.

Nas figuras talhadas em grandes blocos de madeira, o artista explora uma estética do inacabado, dando formas a uma natureza que humaniza. Trabalha com madeira tanto em bruto, como policromada. (Pinho castanho, amieiro e sobretudo cedro). Obras trabalhadas com madeira estrangeira oriundas de desperdício da indústria de transformação de madeiras. Almeida, in Catálogo Paulo Neves, 30 anos de trabalho.



**Fig 27** – Talha em Cedro

Foi através da capacidade de resolver progressivamente os problemas com os materiais por si escolhidos e a sua maturidade perante uma linguagem responsável, que o artista foi enaltecido no início da sua carreira, considerado um jovem escultor relevante no panorama da escultura portuguesa<sup>40</sup>. Quanto aos materiais mais perenes como, a pedra e bronze, foram introduzidas em escala monumental. Trabalhou rochas diretamente em pedreira portuguesa (granitos, mármore, calcários, basaltos e ardósia) e realizou em fundição de bronze, peças maiores ou múltiplos.

Estes são os materiais com que o artista trabalha, aos quais o artista dá forma através da sensibilidade poética do escultor, como afirma A. Jacinto Rodrigues essa sensibilidade, “dialoga com os veios, as curvas e os nós da madeira, numa criação cúmplice entre o material orgânico e a expressão do artista”. (Rodrigues, *catálogo Paulo Neves*, 1990). Da mesma carga sentimental, o artista José Pedro Croft diz que, no momento em que usa os materiais se sente dentro deles de forma, que é impossível de não ter uma marca autoral, uma impressão digital. (Matos. 2014:124). A relação intensa com os materiais e com a vida são impressões digitais, que marcam a obra de Paulo Neves.

## **Processo: Ideia, Técnicas e Lugar**

Este capítulo debruça-se sobre o processo de criação de Paulo Neves de forma a compreender o seu trabalho, bem como sua relação com o meio. A sua relação com a matéria, lugar e pessoas, são fatores impulsionadores de sua criação. Todo processo criativo do artista está representado em diversas peças de caráter simbólico, geradas por essa forte componente de ligações entre as experiências com os materiais, ferramentas e suas vivências. Uma simbologia que Hegel explica,

*“Assim nos encontramos, no início, perante uma íntima associação entre o absoluto e, por um lado, o verdadeiro, por outro, as suas manifestações reais, associação que, em vez de ser realizada pela arte, diretamente provém por assim dizer, dos objetos reais da natureza e das atividades humanas. É este o primeiro estágio da evolução do símbolo”. (Hegel.1961:50)*

Um simbólico derivado da imaginação do artista transformado em objeto de arte. Toda a construção da ideia significa que o ele é capaz de criar uma feliz junção entre materiais com que decidiu trabalhar e a forma que lhes dá. Esta forma contém as ideias do artista. Quanto à forma e o seu valor, Álvaro Cunhal refere que,

---

<sup>40</sup> Eduardo Paz Barroso, 86. In *Catálogo Paulo Neves, 1981/1996 15 anos de escultura*

*“A crítica ao formalismo não significa a desvalorização da forma mas pelo contrário apreciação e a defesa do seu valor. Mesmo mais: o estímulo ao seu enriquecimento: A forma é em si mesmo um valor estético. Não é a única componente, mas um valor- base da criatividade e da arte. O artista é um criador de beleza, A forma na arte é um valor do belo, contém um valor estético em si mesma”. (Cunhal, 1997:81)*

A forma nasce através adequação da ideia aos materiais. Paulo Neves refere na entrevista que as ideias não passam somente por esboços, “é uma ideia sobre as coisas, escolho o material que se adequa mais a essa ideia, por exemplo, se tenho uma ideia de fazer uma peça por um metro por metro, não vou escolher um bloco de cinco metros.”<sup>41</sup>. O mesmo pensamento na elaboração da ideia passa também pelo escultor José Pedro Croft, que diz, “Em relação ao meu trabalho, tento trabalhar em diferentes materiais e escalas, pensando em cada exposição de maneira diferente. Cada trabalho é pensado em função do lugar e de uma ideia”. Matos, 2014, pg:124.

A obra idealizada pelo artista carreta uma área de sedução através de um exercício mítico de experimentação da matéria, a mão que está a serviço de forças radiantes. Escreveu Bachelard:

*“A mão ociosa e acariciante que percorre as linhas bem feitas, que inspeciona um trabalho concluído, pode se encantar com uma geometria fácil. Ela conduz à filosofia de um filósofo que vê o trabalhador trabalhar. No reino da estética, essa visualização do trabalho concluído conduz naturalmente à supremacia da imaginação formal. Ao contrário, a mão trabalhadora e imperiosa aprende a dinamogenia essencial do real, ao trabalhar uma matéria que, ao mesmo tempo, resiste e cede como uma carne amante e rebelde” (Bachelard, 2002: 14).*

Ao longo de todos estes trinta e cinco anos como escultor, todo o seu processo de criação funde-se nesta simbiose de sentir e fazer. Extroversão diz respeito aos devaneios ativos que agem sobre a matéria e a introversão traduz as imagens sugeridas pela intimidade, ligadas à imaginação poética do artista. Bernardo Pinto diz que o Paulo Neves enuncia na obra, os três pecados originais da cultura portuguesa, são eles, o místico, nostálgico e telúrico. O místico pelas divindades e criaturas celestes caracterizadas nas suas peças; nostálgicas pelas expressões humanas convocarem ausências; telúricas pela força vital com que trabalha a matéria, criando com ela, uma partilha dos delírios da natureza. (Almeida, In Catálogo,1998).

---

<sup>41</sup> Entrevista com o Paulo Neves, em anexos/ 22 abril 2014

Todas estas emoções são vertidas nas formas das suas esculturas, expressando uma poética que coloca o seu sentido do religioso, do primitivo e do mágico. O místico assenta na religiosidade do artista que expressa nas peças a figura iconográfica de anjos. Na entrevista, o artista referiu que acreditava em anjos, sentindo a presença deles quando está a fazer a obra e que existe um anjo que o protege<sup>42</sup>.

As formas mais pautadas na obra do artista são os rostos. Estes rostos predominantes preconizam o lado humano. Na entrevista o artista diz que as “caras” significam, “porque eu gosto das pessoas”. Refere que as “caras” na maioria das vezes estão presentes em todo o seu trabalho, por vezes elas aparecem como também desaparecem, tem a ver com o processo. Bernardo Pinto de Almeida caracteriza as expressões formais da obra como:

*“As antropomorfias constituíram até hoje, o seu principal argumento escultório; criaturas que dormem ou com olhares expectantes, perfis elegantes que nascem da massa informe do material em bruto ou pouco trabalhado, deixando uma parte da forma natural, em morfologias orgânicas, em escalas pequenas ou de grandes dimensões”. Almeida in Catálogo de Paulo Neves, 30 anos de trabalho.*

Francisco Providencia também se refere à obsessão pelas faces humanas como um desejo do artista criar uma segunda natureza.

*Natureza Humana*

*Natureza humana dormente*

*Natureza humana dormente*

*Mascarada*

*Natureza humana dormente*

*Mascarada vegetal*

*Caras troncos*

*Troncos humanóides*

*Mascaras sobre troncos*

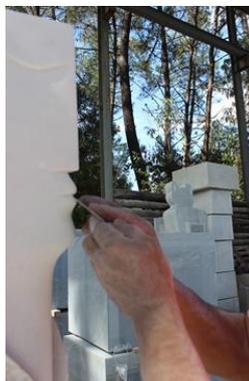
---

<sup>42</sup> Entrevista, no âmbito deste trabalho, com Paulo Neves, 22de abril 2014

*Caras inexpressivas*

*Caras a dormir.*

*Providência, 1998*



**Fig. 28** – O Rosto

Corroborando, o autor diz que a sua produção artística é mais consiste como meio de sensação e da vida do que de representação. Na entrevista, Paulo Neves cita que, ao longo da sua produção os “rostos” aparecem e desaparecem, à medida que surgem novos materiais e novas técnicas. Reiteram na obra de Paulo Neves estilos e formas diferentes, como os “Meandros” as “Impressões”, a “Floresta Negra” e recentemente o trabalho em cortiça<sup>43</sup>.

Toda a obra não procura uma realidade ou um sentido estético mas sim exprime sentimentos derivados da religião ou de afetos. Toda a experimentação do artista vai ao encontro da teoria defendida pelo John Dewey, que sustenta a ideia de experiência estética como ação assim como faz crítica a teorias que separem a arte da vida quotidiana. Segundo Dewey, não existe uma diferença radical entre a experiência comum e a experiência estética, qualquer experiência pode-se tornar estética. Toda a ação é na realidade «interação» com o mundo exterior. A teoria “estética e arte” defendida pelo filósofo Tolstói é colmatada por Dewey com a ideia de que,

*“A experiência é verdadeiramente completa (e por isso plenamente estética) quando se materializa numa obra de arte! Não só pelo processo artístico obriga o artista a um continuo confronto entre aquilo que faz e aquilo que ainda tem para fazer, obrigando-o a proceder coerente e unitariamente, mas sobretudo porque só a partir do momento em que a experiência se concretizou numa obra ela se torna transmissível, comunicável e socialmente relevante”. Perniola, 1998, pg:126*

Toda a produção de Paulo Neves traduz-se por esta experimentação de envolvimento com a matéria, com o lugar e com as pessoas. Significa um percurso em que a autenticidade, o vínculo e o imaginário, se traduzem em forma de notável dimensão plástica, que revelam ao

tempo segredos de uma interioridade de sentido humano. Fernandes, in catálogo Paulo Neves/ esculturas realizadas 1986 e 1990.

“Pelo exercício do que os homens consideram durante séculos quase um poder criador divino, o escultor transforma os seus materiais em objetos que, por si próprio parecem ter vida” (Barry, 1964: 70). São os materiais e as ferramentas que dão vida às peças do artista. Os recursos das máquinas (rebarbadora e mota-serra) para dar forma ou desenhar a superfície, permite-lhe explorar recursos gráficos, aplicação antiga de ouro em folha sobre a madeira polida, como o aplicação de texturas com óleo queimado ou aplicação de acrílicas, são aplicações recorrentes na sua obra. Providencia, in catálogo, Paulo Neves.

Paulo Neves elabora as suas peças nos seus ateliers com ajuda de dois assistentes, Pedro Neves e Miguel. É pertinente esta abordagem porque permite-nos conhecer o universo de produção dentro dos ateliers, entre os assistentes e o artista. Pedro Neves é seu assistente e irmão, trabalha com o artista há 15 anos<sup>44</sup>. Pedro Neves antes de trabalhar com o irmão, já tinha algum conhecimento sobre o seu método e a sua vida pessoal. O entrevistado refere que, trabalhar com o Paulo Neves surgiu como uma oportunidade de trabalho, ele foi uma escola. Foi ele que lhe ensinou a abordar os materiais, a recolhê-los, interpretá-los e ir ao encontro deles. Houve outros artistas com quem aprendeu a trabalhar como assistente em casos pontuais, o Volker schnuttgen<sup>45</sup> e Isaac Pinheiro<sup>46</sup>. Refere que sempre foi conhecedor da matéria, sempre lidou com máquinas (mota-serra, rebarbadora), a única adaptação que teve que fazer foi, ir ao encontro das necessidades do artista e utilizar essas ferramentas de acordo a exigência de cada um. Como assistente é um mero executante, a sua tarefa é interpretar a ideia do artista e executá-la como o artista pretende. Isso por muitas vezes requer não só trabalhar com a matéria mas sim com o seu estado alma do artista, seu desejo, a sua vontade. Às vezes surgem dúvidas sobre a técnica na elaboração da ideia e a única coisa que ele faz é colmatar essa dúvida, com respeito e não como um individuo que queira influenciar a deia.

Em relação aos materiais Pedro Neves refere que, trabalhar com eles o transporta para um estado de espírito particular, por exemplo é diferente trabalhar a pedra ou trabalhar o ferro. Todos eles têm uma abordagem diferente e transportam-nos para outros universos. Também os ritmos de trabalhos são diferentes, o pó respira-se diferente, o barulho das máquinas são diferentes, o próprio atelier é diferente e isso para ele, exige uma adaptação quanto mais rápida melhor. Os materiais mais estranhos como, a pedra, exigem características diferentes da madeira ou do aço, uns são mais finos outro são mais espessos. Todos os materiais requerem um conhecimento efetivo em termos de execução e em termos segurança. Em toda a ideia elaborada, o assistente tem a capacidade prévia e a noção do funcionamento, a metodologia necessária para a realização da obra final. Outras vezes existem ideias que *a priori* na execução não são viáveis.

---

<sup>43</sup> Entrevista com o Paulo Neves no âmbito deste trabalho, no dia 22 de abril, 2014

<sup>44</sup> Foi pertinente elaborar esta entrevista com o irmão e assistente de Paulo Neves, pelo o fato de trabalhar e acompanhar o artista há muito tempo.

<sup>45</sup> Escultor Schnuettgen, Volker. Bibliografia, in <http://www.volker-schnuettgen.com/>

Metaforicamente Pedro Neves refere que, o assistente é como um atleta, tem que sempre acompanhar o treinador<sup>47</sup>.

*“Cucujães é o centro do mundo”*

*Paulo Neves*

Ao longo da sua carreira esta expressão é insistentemente citada pelo artista em vários artigos, demonstra a sua forte ligação com o lugar onde cresceu, onde vive e trabalha.<sup>48</sup> Maria João refere um lugar onde, “Paulo Neves reencontra-se com o primitivo, o maravilhoso no quotidiano. E é esse encontro que hoje nos proporciona a sua escultura”. Fernandes in catálogo Paulo neves/ escultores realizadas entre 1985 e 1990.

O mundo do Paulo Neves foge ao mundo da hipermodernidade como descreve os autores Gilles e Jean, “Estamos na época das megalópoles, das hipercidades tentaculares que congregam milhões de indivíduos”. Lipovetsky, 2010: 212. O sentido do mundo em Cucujães, remonta para um espaço longínquo da cidade urbana mas onde, apesar da ruralidade o artista denuncia o seu contacto com o mundo.

As vivências do artista e a ligação com o lugar, são refletidas nas suas obras. O pó da terra difunde-se pelo pó da pedra e da madeira criando laços que ligam tradições, natureza e atividade artística. Todas exercidas com grandes emoções e sentimentos refletidos nas obras. Permeia em suas esculturas um sentido religioso pela condição antropológica. Providência diz que “As figuras tem um sentido religioso na sua obra, transcende a evocação morfológica para afirmar assunção matriarcal da relação com o lugar com a cultura e com a família, por isso o escultor é religioso, porque se religa com ele próprio e com o seu mundo através da arte”. Providência, catálogo *Paulo Neves Trinta anos de trabalho*.

O artista apesar de mencionar Cucujães como sendo o centro do mundo, ele próprio é um ser estar no mundo. Em entrevista o artista menciona que a mesma relação que tem com os materiais também tem com as pessoas. Gosta de trocar de materiais porque cada material permite fazer coisas diferente, da mesma forma como se relaciona com as pessoas, gosta de conhecer muitas pessoas porque cada pessoa é um mundo cada pessoa cria um convívio diferente, justifica o fato de viver sozinho como devido esta forma de viver e de se relacionar. O habitat de Paulo Neves é um mundo de relações, matéria, lugar e pessoas.

---

<sup>46</sup> Escultor – Pinheiro, Isaac. Bibliografia, in <http://www.isaquepinheiro.com/>

<sup>47</sup> Entrevista Pedro Neves, irmão e assistente de Paulo Neves, 15 junho, 2014

<sup>48</sup> RTP notícias, “Galeria *O Mato* abre num bosque de Oliveira de Azeméis para promover arte nacional e estrangeira” 8 julho, 2012, in <http://www.rtp.pt/noticias/index.php?article=568791&tm=4&layout=121&visual=49>



**Fig. 29** – Paulo Neves com Francisco Providência



**Fig.30** – Paulo Neves com o escultor Isaque Pinheiro



**Fig. 31** – Convívio com amigos e convidados na abertura da exposição no *Mato*

## Capítulo III

## Considerações Finais

“A obra do escultor eterniza-se no diálogo  
fraterno entre a matéria, o homem, o sagrado e o divino”  
Providência, 1998

Ao longo deste percurso investigativo, tentou-se perceber a gênese produtiva atendendo à forma como o artista se relaciona com a matéria, o homem, o sagrado e o divino. Foi desta forma, que este trabalho investigativo procurou a compreensão dos processos criativos do artista envolvidos na relação entre ideia e matéria.

. Nesta reflexão caracterizaram-se algumas premissas essenciais ao trabalho deste autor. Constatou-se que a sua produção artística não é condicionada nem por juízos estéticos, correntes artísticas ou influenciado por outros artistas. Toda a sua obra é constituída por uma linguagem muito própria, influenciada por razões de caráter intimista, instituídas pelas vivências do artista particularmente com o lugar onde nasceu, cresceu e onde vive. De uma forma geral, os artistas ao construírem um percurso artístico, necessitam de referências externas afim de definirem ou concretizarem o seu estilo próprio, Paulo Neves desde do início da sua carreira, apesar das experiências externas, (como residir no estrangeiro por um período), foi e é, no lugar em que vive, onde nasce toda a inspiração para as suas obras. São especificidades, através das quais o autor se serve para exprimir ideias, conceitos, emoções e estados de alma.

Através das visitas aos seus atelieres, foi possível entender e concluir que, é através do meio do meio físico e material que o artista constrói e dá significado às suas esculturas. É neste espaço que toda a obra é pensada e desenvolvida sobre as ideias fundadoras na construção do objeto, como o sentido da composição (ou da distribuição de volumes no espaço), ou a estrutura interna da obra. São nestes atelieres que se produz toda a sua obra através da experiência e do conhecimento de transformar a natureza em artifício humano. Obras escultóricas que tem várias origens, natureza e finalidades. A escultura monumental aqui produzida, não tem a ver com a escala, mas sim com o seu propósito. A ideia do monumento tem a ver com uma colocação estática e com a polis. Muitas ideias são desenvolvidas no decurso da sua atividade como individuo produtor Algumas ideias são pré-definidas e outras surgem no momento em que o artista se depara com os materiais e define a finalidade da obra.

Pela proximidade com o artista, fruto da metodologia a que esta investigação recorreu, poderemos concluir que na base produtiva deste escultor revela o artista-artesão, entendido como

depositário de uma carga sentimental que lida com os materiais na realização da obra. Toda a criatividade do artista se processa através do envolvimento com os recursos e proximidade com o lugar dispõe. Paulo Neves é inspirado pela terra onde nasceu e pela ligação com a natureza. O artista é um artífice em conformidade com a definição de Richard Sennett sobre o trabalho manual. Este defende que a figura do artífice condensa um diálogo entre práticas concretas e ideias sobre um fundo de hábitos prolongados. Tratando-se de uma habilidade que tem início em práticas corporais e o entendimento técnico se desenvolve através da força da imaginação, onde estabelece uma via de mão dupla entre a ideia e prática. (Sennett 2009) Todo o trabalho de Paulo Neves é executado por esta via. O percurso artístico do artista está na sua mão obreira. Toda a carreira do artista é um processo de capacitação (prática de treino) ao longo de trinta e cinco anos de trabalho como escultor. A prática do artista vai ao encontro do que é definido por Richard Sennett, como a capacidade da ação de repetir que possibilita a autocritica e permite modelar a prática de dentro para fora. Os momentos de criação estão na verdade, ancorados na rotina do artista. Encontramos no percurso da sua rotina uma forma intensa em que o artista debruça sobre o seu trabalho em que o próprio se expressa dizendo, “eu vivo da escultura, deito-me a pensar na escultura e acordo a pensar na escultura”.

A relação com os materiais é uma relação intrinsecamente sensorial oriunda da forte relação do artista com a natureza. O artista não se redimiou do uso de materiais que o servem desde o início da década de 60. Numa época em que quase tudo pode e tem sido chamado de arte, este artista permanece fiel a materiais que lhe são técnica e sensorialmente próximos. Entre outras práticas, os artistas contemporâneos têm utilizado elementos produzidos em massa, materiais impermanentes, imagens que incorporaram performance e vídeo, criando obras através de instruções executadas por outros. Quanto ao uso de variáveis materiais quanto às formas e efeitos, Martha Buskirk refere sobre o impacto dos novos materiais:

*“A fratura de materiais. formas e efeitos em elementos cada vez mais separáveis significa que nenhuma destas opções pode ser entendida como simplesmente dado ou habitual. Esta referência múltipla com as tradições artísticas e uma infinidade de outras fontes permanecem individualmente evidente, mesmo que eles também recebem uma nova unidade no contexto do trabalho que emerge deste processo”. (Buskirk, 2005, pg: 155)*

Fazendo uso de pouca diversidade de materiais as obras de Paulo Neves possuem sinais tradicionais de autenticidade ou permanência, adotando materiais e máquinas convencionais, fazendo da matéria de proximidade do contexto em que vive o seu interveniente primordial. O escultor trabalha a matéria na sua força vital e através das suas mãos obreiras, dá-lhe formas e significados. A sua relação com a matéria-prima é intrínseca e profunda, onde o artista se sente

como um mediador da transformação do seu meio (natureza) em matéria transformada e humanizadas. Presenciamos a abrangência do trabalho em talha antropomórfica contendo figuras como “anjos” e “santos” que evidenciam o seu caráter religioso, esteticamente barroco. Faces que emergem da talha, guiam e seduzem o olhar do espectador, como investigador deste trabalho. O artista afirma que as figuras o guiam na sua vida, apresentam-se como forma de amuleto de proteção que caracteriza esse seu lado místico patente em sua personalidade. A morfologia das suas esculturas é especificamente oriundas das vivências do artista com o lugar e com as pessoas. “Os anjos” simbolicamente caracterizam esta relação com o lugar onde reside e com a religião, “As caras” provêm da forte ligação do artista com a sua família e pelo gosto de se relacionar com muitas pessoas ao longo da sua vida. São signos criados pelo artista que se revê totalmente na sua obra, procurando que esta fale por si.

A partir dos anos 60 grande parte das ações artísticas foram baseadas nas práticas de variedades expressivas de forma desorientada, compartilharam aspiração a uma arte não comercializável. Práticas essas que desapareceram ao longo dos anos 80, década marcada pelo regresso ao atelier, com o célebre “regresso à pintura” na Europa e Estados Unidos. A produção artística e a teoria da arte parecem ter assimilado uma progressiva transformação da atividade dos críticos de arte, curadores, e especialmente artistas no sentido de um espaço onde o regresso à atividade do fazer é de novo questionada. Paulo Neves sendo um artista que se revelou desde do início da década de 80 não foi diretamente influenciado pela variedade de questionamento da arte enquanto representação que se fez sentir na Europa e particularmente em Portugal durante as últimas três décadas, tendo sempre criado e comercializado as suas obras de forma independente em relação ao que institucionalmente corresponderia ao ‘sistema de poder’ da arte. Muitos artistas da década de Paulo Neves não resistiram ao ‘sistema do mercado’ da arte. No caso do artista Paulo Neves, pelo contrário, ele foi sempre um ‘sobrevivente’ à crítica da arte, e apesar de geograficamente estar deslocado dos grandes centros urbanos, a seu trabalho de grande ou pequena escala, tem sido vindo a ser cada vez mais admirado, quer seja pelo público, quer seja pelos ‘avaliadores’ da arte nacional e internacional.

## Bibliografia

### Bibliografia Geral

ÁVILA, María Jesus. *Anos de Normalização Artística: Coleções do Museu do Chiado*. Castelo Branco: Museu de Francisco Tavares Proença Júnior, 2003.

BACHELARD, Gaston. *A água e os sonhos – Ensaio sobre a imaginação da matéria*. São Paulo, Martins Fontes, 2002.

BARRY, Gerald, Bronowski, J., Fischer, James, Huxley, Julien. *AS ARTES: A imaginação criadora*. Europa - América, LDA., 1964

BUSKIRK, Martha. *The Contigent object of Contemporary Art*, USA: MIT Press, 2005.

CHICÓ, Sílvia. *Anos 70: Antes e Após o 25 de Abril de 1974*, in PERNES, Fernando (coord.) – *Panorama da Arte Portuguesa no século XX*. Porto: Fundação de Serralves / Campo das Letras, 1999.

CUNHAL, Álvaro. *A arte o artista e a sociedade*. Lisboa: Editorial Caminho, SA. 1997.

DANTO, Arthur C. *Após o fim da arte: Arte contemporânea e os limites da História*. São Paulo: Edusp/Odyssseys editora, 2006

FEATHERSTONE, Mike. *Cultura de Consumo e Pós-Modernismo*. S. Paulo: Studio Nobel, 1995.

GERHARD, Richter. *The Daily Practice of Painting*. Londres: Thames & Hudson, 1995.

HEGEL, G.W.F. *ESTÉTICA: A Arte Simbólica*, 2ª edição, Lisboa: Guimarães Editores, 1961,

LIPOVETSKY, Gilles, SERROY Jean. *A Cultura- Mundo*. Lisboa: Edições 70. 2010

MATOS, Miguel. *Artistas Portugueses em discurso direto*. Lisboa: Guerra & Paz. 2014.

MELO, Alexandre. *Artes Plásticas em Portugal: Dos anos 70 aos nossos dias*. Lisboa: Difel. 1998

NICOLAS, Bourriaud. *PÓS-PRODUÇÃO: Como a arte reprograma o mundo contemporâneo*. S.Paulo: Martins Fontes, 2009.

OSTROWER, Fayga. *Criatividade e processos de criação*. RJ: Editora Vozes. 1977.

PÉREZ, Miguel. *Propostas da Arte Portuguesa*. Porto: Público e Fundação de Serralves, 2007.

PERNES, Fernando (coord.) Melo, Alexandre. *Panorama Arte Portuguesa no século XX*. Porto: Fundação de Serralves / Campo das Letras, 1999.

PERNES, Fernando (coord) Pérez, Miguel Von Hafe. *Panorama Arte Portuguesa no século XX*. Porto: Fundação de Serralves / Campo das Letras, 1999.

PEREIRA, Paulo. *História da Arte Portuguesa*. Lisboa: Temas & Debates, 1995

PERNIOLA, Mário. *A Estética do século XX*. Lisboa: Editorial Estampa, 1998.

RAJCHMAN, John. *Construções*. Lisboa: Relógio d'Água. 2002

ROCHA, Sónia Santos. *Arte Pública em Centros Comerciais*. Porto: Universidade Católica. 2012

SANNET, Richard. *O artífice*, 2.ed. Rio de Janeiro: Record, 2009

SOUSA, Ernesto. *Ser Moderno em Portugal*. Lisboa: Assírio & Alvim. 1998.

WOLDEMAR, Janson. *History of arts*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1989

## **Bibliografia específica**

## **Catálogo**

Providencia, Francisco, Paulo Neves trinta anos de trabalho,  
Jomafil, Paulo Neves/ Esculturas realizadas entre 1985 e 1990

Paulo Neves 1981/1996 15 anos de esculturas

## **Documentações Eletrónicas**

### **Dissertações**

Frazão, Maria – 2º Ciclo de Estudos de História de Arte: António 2º Ciclo de *Estudos de História de Arte: Palolo Roteiro Artístico* – Biográfico 2012. Dissertação de Mestrado em 2º Ciclo de Estudos de História de Arte apresentada à Faculdade de Belas-Artes da Universidade do Porto. Disponível em WWW: URL: <http://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/72192>

Chuva, Vasco. Os últimos *50 anos da Pintura e escultura portuguesa do sec. xx* . 2005- (consultado 7 de julho 2014), Vasco. Disponível em WWW:URL: <http://www.chuvavasco.com/50anos.pdf>

### **Outras contribuições**

#### **Revista**

Jürgens, A sagração do White Cube in Arq./a – Revista de Arquitectura e Arte, nº 108 (Julho/Agosto 2013), pp. 86-89, acessado em 21 novembro de 2013

#### **Entrevista**

Entrevista com Paulo Neves, 22 de abril 2014

### **Sites consultados**

El Comercio com cultura, “Paulo Neves y el arte hecho en plástico. Disponível em <http://www.elcomercio.com/tendencias/cultura/paulo-neves-y-arte-hecho.html>. (Consultado, 30- 05- 2014)

Cutileiro, João. “biografia do escultor”. Disponível em [www.citi.pt/cultura/artes\\_plasticas/escultura/cutileiro/biogr.htm](http://www.citi.pt/cultura/artes_plasticas/escultura/cutileiro/biogr.htm). (Consultado em 27-04-.2014)

Fantasporto2014, “Paulo Neves” 28-02-2014. Disponível em <http://www.fantasporto.com/noticias/129>. (Consultado 04-03-2014).

Instituto Camões, “Arte e artistas em Portugal, anos 80”. Disponível em [http://cvc.instituto-camoes.pt/decadas/anos-80.html#U\\_laEKjlbto](http://cvc.instituto-camoes.pt/decadas/anos-80.html#U_laEKjlbto). (Consultado, 27-07-2014)

Jurgens, Sandra, Entrevista a Miguel Van Pérez, 24-06-2006. Disponível em <http://sandravieirajurgens.wordpress.com/?s=miguel+van+perez&x=6&y=11> (Consultado, 23-08-2014)

Jürgens, Sandra. “A sagração do White Cube: A persistência de um modelo moderno”, in revista de Arquitetura e Arte, 108, 2008. Disponível em <http://sandravieirajurgens.wordpress.com/category/artigos-em-revistas/arg-a-artigos-em-revistas/>. (Consultado, 03-04-2014)

Jurgens, Sandra, “Entrevista com Luis Serpa”, Arte Capital 22-12-2006, Disponível em in <http://www.artecapital.net/entrevista>. (Consultado, 01-02-2014).

Jürgens, Sandra, “(Um) texto para os anos noventa”, Arte português Contemporâneo/Argumentos de Futuro. Colección MEIAC, Museo Extremeño y Iberoamericano de Arte Contemporáneo, 26-12-2006, pp. 154-163). Disponível em <http://sandravieirajurgens.wordpress.com/tag/imagens-para-os-anos-90/>. (Consultado, 03-09-2014)

METRONEWS – “Escultor Paulo Neves cria família de Anjos para o «Mar Shopping» de Matosinhos – Oliveira de Azeméis” 31-8-2008. Disponível em <http://www.metronews.com.pt/2008/08/31/escultor-paulo-neves-cria-familia-de-anjos-para-o-%C2%ABmar-shopping-de-matosinhos-oliveira-de-azemeis>. (Consultado 04-03-2013)

Oliveira, Sara, Paulo Neves e Cucujães, 23/03/2013. Jornal Público. Disponível em [www.publico.pt/perfil/jornal/paulo-neves-e-cucujaes-26235042](http://www.publico.pt/perfil/jornal/paulo-neves-e-cucujaes-26235042) (Consultado em 03-01-2014).

PEREIRA, Paulo, *História de Arte Portuguesa*. Lisboa: Temas e Debates. 1995

Pérez, Miguel, Anamnese – o processo. Porto, in <http://www.anamnese.pt/anamnese-10-27.pdf>. (Consultado, 02-03-2014)

Pinheiro, Isaac. Bibliografia. Disponível em <http://www.isaquepinheiro.com/>. (Consultado, 08-10-2014)

Pomar. Alexandre, “Anos 90”, 26- 12. 2014, in Alexandre Pomar. Disponível em [http://alexandrepomar.typepad.com/alexandre\\_pomar/2006/12/os-anos-90.html](http://alexandrepomar.typepad.com/alexandre_pomar/2006/12/os-anos-90.html) (Consultado, 02-09-2014)

RTP notícias, “Galeria O Mato abre num bosque de Oliveira de Azeméis para promover arte nacional e estrangeira” 8 de julho, 2012. Disponível em <http://www.rtp.pt/noticias/index.php?article=568791&tm=4&layout=121&visual=49>. (Consultado 07-01-2014

Revista EFE, “Paulo Neves” 2 de abril, 2014. Disponível em <https://es-us.noticias.yahoo.com/bosque-pl%C3%A1stico-simula-madera-muestra-luso-paulo-neves-142100782.html>. (Consultado, 27-05-2014).

Schnuettgen, Volker. Bibliografia . Disponível em <http://www.volker-schnuettgen.com/>. (Consultado, 08-10-2014)

Sculpture- Factory ,”Paulo Neves” Sintra. Disponível em <http://www.sculpturefactory.org/index.php/paulo-neves>. (Consultado 02-02-2014).

## Outros Tutoriais

[http://www.chicagomanualofstyle.org/tools\\_citationguide.html](http://www.chicagomanualofstyle.org/tools_citationguide.html)

<http://www.fersil.pt/noticias/show.aspx?idcont=126&title=35-anos-de-sucesso-da-fersil&idioma=pt>  
Fersil obra dos tubos PN

<http://zaratustrices.blogspot.pt/2013/01/galeria-o-mato-junho-2012.html>

<http://www.paulonevesescultor.com/>

<http://paulonevesescultor.wordpress.com/>

<https://paulonevesescultor.wordpress.com/tag/paulo-neves/>

<http://paulonevesescultor.wordpress.com/category/o-mato/>

<http://www.facebook.com/pauloneves.escultor?fref=ts>

<http://www.sculpturefactory.org/index.php/paulo-neves>

<http://www.imdb.com/title/tt1930437/>

<http://www.cmpenafiel.pt/VSD/Penafiel/vPT/Publica/Agenda/Eventos/exposicaoesculturapauloneves.htm>

<http://www.metronews.com.pt/2008/08/31/escultor-paulo-neves-cria-familia-de-anjos-para-o-%C2%ABmar-shopping-de-matosinhos-oliveira-de-azemeis/>

<http://expresso.sapo.pt/artes-galeria-o-mato-abre-num-bosque-de-oliveira-de-azemeis-para-promover-arte-nacional-e-estrangeira=f738248>

<http://www.rtp.pt/noticias/index.php?article=566826&tm=4&layout=122&visual=61>

<http://portugalbrands.com/blog/galeria-o-mato-nature-and-culture-in-communion/>

[http://www.geocaching.com/seek/cache\\_details.aspx?guid=c8962ab3-13df-4174-852f-c99e86bd1743](http://www.geocaching.com/seek/cache_details.aspx?guid=c8962ab3-13df-4174-852f-c99e86bd1743)

<http://www.paulonevesescultor.com/files/catalogo.pdf>

[http://www.jn.pt/PaginaInicial/Cultura/Interior.aspx?content\\_id=1402928](http://www.jn.pt/PaginaInicial/Cultura/Interior.aspx?content_id=1402928)

## **Anexos**

Entrevista com o Escultor Paulo Neves no dia 22 de abril 2014

A entrevista ao Escultor Paulo aconteceu num formato de conversa aberta, isto é, não se pretende obter respostas fechadas, porque o objetivo era recolher o máximo de informações possíveis, de forma serem úteis sobre para a investigação.

AN- Quando nasceu a primeira obra?

PN- Foi há muito tempo, a primeira escultura foi quando o homem foi à lua.

AN- Quando percebeste que querias ser escultor?

PN- Quando tinha 12 anos e teve a ver com o lugar onde eu nasci.

AN- Qual a importância do lugar onde moras para a realização das tuas obras?

PN- Essa relação tem a ver com o espaço e com a natureza.

AN- O que trouxe aventura aos 20 anos da deslocação para o estrangeiro?

PN- Foi fantástico! Encontrei gente do melhor e do pior, foi uma estrada, aprendi mais do que 20 anos na universidade. A estrada é uma escola tens que aprender a sobreviver e relacionar.

AN- Quando nasceu o primeiro atelier?

PN- Nasceu quando eu tinha 25 anos, comecei a trabalhar numa garagem e depois construí o primeiro atelier com a madeira de caminhos-de-ferro em Ovar. Construí sozinho sem ajuda de ninguém.

AN- Quando surgiu a primeira peça? Onde vendestes?

PN- Vendia por aí, na rua, a pessoas conhecidas, quando comecei realmente a vender foi quando fiz a exposição na galeria Nasoni, vendi praticamente a exposição toda. Foi aí o meu começo tive sorte de ter encontrado o José Mário Brandão, António Cabecinhas, ...A galeria era, na época, a mais importante no Porto.

AN- Tu identificaste-te com algum artista da época?

PN- Não, não, embora talvez admirasse o João Cutileiro, porque era um “gajo” que trabalhava com rebarbadeiras, com máquinas, eram máquinas que eram usadas na construção civil e ele com essas máquinas trabalhava a escultura. Embora, na altura, ele trabalhava com a pedra e eu só com madeira. Eu só trabalhava com a madeira, por que era o que eu tinha e vivia numa zona que tinha muita madeira, enquanto o João Cutileiro vivia no sul, aonde tinha muito mármore.

AN- Qual o teu estilo, o teu juízo estético?

PN- Não. Eu tenho um estilo meu muito próprio, nunca copieei nenhuma corrente artística ou estilo, tentei sempre defender-me disso, criando a minha própria linguagem que é a minha mais valia.

AN- As ideias que queres construir na matéria-prima passam todas por um esboço?

PN- Não nem todas, tenho uma ideia sobre as coisas, escolho o material baseado na ideia, por exemplo, se tenho ideia de fazer uma peça com um metro por um metro, não vou escolher um bloco de cinco metros por cinco. Às vezes tenho uma ideia e ando a mastigá-la, a pensá-la durante dias e há um momento depois “tak” e trabalho!

AN- Qual o significados dos traços circulares, porquê?

PN- Olha, eu nunca sei nada disso, sei que as coisas acontecem, foram acontecendo. Se hoje faço essas coisas circulares, isso tem a ver com o meu trabalho anterior, por sua vez esse, com outro interior, há uma origem que depois umas coisas são levadas a outras e vão-se desenvolvendo. Houve uma altura em que só fazia superfícies polidas, lisas e depois uma altura comecei a trabalhar noutras coisas mas não sei explicar-te porquê, aconteceu ao trabalhar acho que ao trabalhar, vai-se descobrindo as coisas. E as coisas vão acontecendo.

AN- E as caras?

PN- As caras, gosto muito das pessoas, gosto das caras, mas tem vindo a desaparecer, depois volto atrás, vou buscá-las outra vez, as coisas vão desaparecendo, tem a ver com o processo, como vivo só para escultura toda a minha vida é feita a pensar no meu trabalho, não há uma fórmula, não há um porquê!

AN- Os anjos?

PN- É uma fase do meu trabalho.

AN- Tem a ver com a religião?

PN- Não, não tem a ver com a religião, embora assumo que sou católico e acredito em Deus, acredito numa vida para além desta, senão esta vida não teria sentido, acho que não estamos aqui por acaso, acho que temos toda uma missão a desenvolver, algo a fazer aqui. Anjos, anjos, acredito que tenho um anjo da guarda, que ele me protege, eu gosto dos anjos!

AN- Não tem a ver com um passado dramático, a morte do teu irmão?

PN-Não, tem mais a ver com a parte mística.

AN- E as rodas?

PN- As rodas, é a mesma coisa, faz parte de um processo.

AN- Os anos 80 e os 90 foi o início da tua carreira artística, período esse, de muitas transformações na arte.

PN- Também agora há transformações, agora os putos, artistas novos não sabem trabalhar com a rebarbadeiras, não sabem trabalhar com os materiais, por isso também há uma transformação. Tem a ver com o fazer das coisas. Eu tive um tempo, a linguagem deles é diferente da minha linguagem, tem a ver com a tecnologia e a forma como fazem as coisas, eu tive um tempo, agora as pessoas que vêm aí têm outro tempo são diferentes, não quer dizer que sejam melhores de que outros, são formas diferentes de estar no mundo!

AN- Nessa época surgiram grandes novos criadores, agentes culturais, achas-te privilegiado por ter pertencido a esse sistema artístico expondo na Galeria Nasoni?

PN- Sim, mas também houve na época artistas que apareceram e também desapareceram. Fui continuando a trabalhar.

AN- Achas que as tuas peças são vendáveis?

PN- Sim, porque as pessoas criam uma relação com as peças.

AN- Em relação aos materiais, com quais sentes empatia ao trabalhar?

PN- Não sei, olha eu trabalho com pedra, com madeira, com ferro, com bronze plástico, agora com cortiça, vou fazer uma peça para Barcelona em cortiça.

AN- É um novo material?

PN- Nunca tinha trabalhado com a cortiça, vou amanhã começar a peça para um jardim em Barcelona. Eu gosto de trabalhar com materiais diferentes, porque cada material permite fazer uma determinada coisa, criar uma certa linguagem, eu acho que, nós artistas, mandam os nos materiais, mas os materiais também mandam, e é na minha relação com o material que as coisas acontecem. Há coisas que eu consigo fazer com o plástico, mas que é impossível fazer com a pedra ou com a madeira. Muita gente quando vê as esculturas em plástico pensa que é madeira, mas seria impossível fazer aquilo em madeira é por isso que estou sempre a trocar de materiais, por que com cada material posso fazer uma coisa diferente. Da mesma forma que eu gosto de conhecer muitas pessoas porque cada pessoa é um mundo, cada pessoa tem uma característica própria e, se calhar, eu vivo sozinho para me permitir a liberdade de fazer isso.

AN- As tuas peças são abrangidas pelo valor especulativo da arte?

PN- Não, as minhas peças têm um preço, foram aumentando pouco, por exemplo, na semana passada, uma leiloeira disse-me que a minha peça foi mais cotada e disputada e eu fiquei muito contente, normalmente os leilões as obras são cotadas abaixo da cotação dos artistas e a minha foi cotada acima do preço do mercado. Foi porreiro, as minhas peças estão a valorizar, isso quer dizer que, os meus clientes também ficam contentes ao saber disto.

AN- Tu sentes realmente que as tuas peças estão a “crescer”, tu sentes isso?

PN- O mercado da arte é tramado, os artistas tem todos ‘dor de cotovelo’, eu vivo na aldeia no meu mundo e eles questionam como é que eu consigo viver só de escultura

viver onde vivo sem estar no meio deles. Não ando atrás dos críticos, não preciso de lambar as botas dos críticos de arte é por isso que eles não entendem a minha fama.

AN- Trabalhas com a galeria Valbom, é o teu agente, tens um contrato?

PN- Não é contrato, é uma relação. Tenho aqui o catálogo da obra “Floresta” feita de plástico.

AN- O plástico teve uma boa aceitação?

PN- Eu acho que as pessoas gostam mesmo é da pedra e da madeira, estes novos materiais são um pouco estranhos mas tiveram uma boa aceitação.

AN- Esse material é recente?

PN- tem um ano.

AN- E o que achas das instituições culturais?

PN- Acho que apoiam pouco os artistas.

AN- A novidade neste último trabalho é a cortiça.

PN- Vou fazer a peça a convite da embaixada de Portugal em Barcelona, a cortiça é o símbolo de Portugal, por isso acho que vai ficar bem.

## Fotografias do processo das obras de Paulo Neves

Escultura em madeira

Obra – “365 folhas”



Obra – “Os meandros”



Processo em ideia



Escultura em pedra

Atelier de pedra



Obra- "Altar"



Obra – "Anjos"



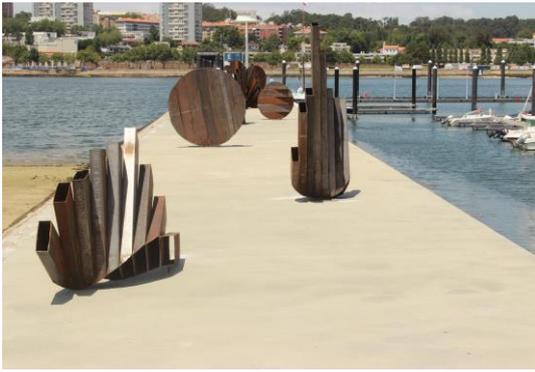
Esculturas em ferro



Preparação da obra “ Viagem no ferro” na oficina de ferro



Exposição na Marina Gaia – Projeto DOMA



Escultura de Plástico

Obra – “Floresta Negra”





Escultura de cortiça

